



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL (PROFSOCIO)

FRANCISCO STENIO NOGUEIRA JÚNIOR

O GOSTO MUSICAL DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO COMO
ELEMENTO PARA A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO
ENSINO DE SOCIOLOGIA

Sobral-CE
2021

FRANCISCO STENIO NOGUEIRA JÚNIOR

**O GOSTO MUSICAL DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO COMO
ELEMENTO PARA A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO
ENSINO DE SOCIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), da Universidade Estadual Vale do Acaraú como parte do requisito de obtenção do Título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Juventudes e questões contemporâneas.

Orientadora: Profa. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas

**Sobral-CE
2021**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA MESTRADO
PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
(PROFSOCIO)**

FRANCISCO STENIO NOGUEIRA JÚNIOR

**O GOSTO MUSICAL DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO COMO ELEMENTO
PARA A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), da Universidade Estadual Vale do Acaraú como parte do requisito de obtenção do Título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Juventudes e questões contemporâneas.

Aprovado em:
Banca examinadora

Profa. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Profa. Dra. Daniele Costa
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho
Universidade Federal do Ceará - UFC

**Sobral-CE
2021**

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, meu agradecimento vai para a minha família que sempre me apoiou quando meu objetivo era estudar e aperfeiçoar minha formação acadêmica. Nunca duvidaram da minha capacidade e apesar de todas as adversidades que sofre quem escolhe trilhar este caminho, mantiveram a convicção de que tudo iria dar certo.

Quero também agradecer meus parceiros musicais que tive por essa vida, por causa deles pude fazer reflexões que estão materializadas aqui neste trabalho. Existe uma satisfação na criação artística que preenche uma espaço indescritível em minha existência, transformar isso em pesquisa foi bastante prazeroso.

À minha orientadora Isaurora Martins, pelas reflexões e críticas sempre pertinentes, além da amizade e paciência de longa data, sem suas observações não seria possível dar mais esse passo na vida acadêmica.

Aos professores e companheiros de PROFSOCIO, as dores e as delícias que foram compartilhadas durante esse processo, sem vocês seria tudo mais difícil e complicado.

À todo corpo docente e discente da Escola Profissionalizante Francisco das Chagas Vasconcelos, sobretudo na pessoa de seu Diretor Júlio César Aragão, a quem sempre me foi cordial e prestativo.

E por último fica aqui registrado minha homenagem às vítimas da COVID-19, essa enfermidade que infelizmente está ceifando tantas vidas e entristecendo famílias, mas se mantém viva a nossa esperança de atravessar esta dificuldade.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi praticar um exercício de alteridade de se conectar ao que afeta musicalmente o estudante e construir uma possibilidade de reflexão acerca do que eles consomem em termos de música, para então produzir um material didático capaz de gerar mais interação entre os sujeitos, nas aulas de Sociologia da educação básica. Através da observação flutuante busquei captar o gosto musical dos alunos da Escola Estadual de Ensino Profissional Francisco das Chagas, localizada na cidade de Santana do Acaraú, região norte do Estado do Ceará. Durante os intervalos das aulas recorri à agenda, utilizada como diário de campo, para observar e interagir com os estudantes. O período de observação aconteceu durante a minha permanência nesta escola como professor de Sociologia, no ano letivo de 2017 e 2018, e à partir da captação destas músicas passei a elaborar uma cartilha com conteúdo de Sociologia baseado nestas canções. No material didático redigido em forma de cartilha foi possível discutir a questão do assédio nas letras de sertanejo universitário, no primeiro capítulo. A música trem-bala, de Ana Vilela, forneceu subsídio para tratarmos da positividade tóxica em uma visão de Foucault e Byung Chul Han, no segundo capítulo. A artista trans Pabullo Vittar também figurou entre as canções que os estudantes escutaram e um capítulo sobre questão de gênero foi desenvolvido a partir da sua escuta. A cantora carioca Anitta possibilitou uma discussão sobre a globalização e o termo Glocal, ela também foi bastante ouvida pelos estudantes durante os anos de observação. E por último trouxe o conceito de Indústria Cultural, de Theodor Adorno, para discutir o fenômeno K-Pop, através da banda coreana BTS.

Palavras-chave: Música, Sociologia, Material Didático.

ABSTRACT

The objective of this work was to practice a alterity exercise of connecting to what musically affects the student and building a possibility of reflection on what they consume in terms of music, to then produce a teaching material capable of generating more interaction between the subjects, in the high school sociology classes. Through floating observation, I managed to capture the musical taste of students at the Francisco das Chagas State School of Professional Education, located in the city of Santana do Acaraú, in the northern region of the State of Ceará. During class breaks I used an agenda as a field diary, to observe and interact with students. The observation period took place during my stay at this school as a sociology teacher, in the 2017 and 2018 school years, and from the capture of these songs, I started to elaborate a booklet with sociology content based on these songs. In the teaching material written in the form of a booklet, it was possible to discuss the issue of harassment in the lyrics of sertanejo universitário music genre, in the first chapter. The music Trem Bala, by Ana Vilela, provided support for dealing with toxic positivity in a vision of Foucault and Byung Chul Han, in the second chapter. The trans artist Pablo Vittar was also among the songs the students listened to, and a chapter on gender issues was developed based on her listening. The singer from Rio de Janeiro Anitta made possible a discussion about globalization and the term Glocal, she was also widely heard by students during the years of observation. And finally, I brought Theodor Adorno's concept of Cultural Industry to discuss the K-Pop phenomenon, through the Korean band BTS.

Keywords: Music, Sociology, teaching material capable.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. CAPÍTULO 01: MEMÓRIA, MÚSICA E DOCÊNCIA.....	11
2.1. Por que música? Por que Sociologia? Por que música e Sociologia.....	12
2.2. Um estudo de caso e a questão da juventude.....	17
3. CAPÍTULO 02: METODOLOGIA DA PESQUISA E DA ESCRITA.....	23
3.1. No chão da escola.....	24
3.2. Da escola para a escrita.....	28
4. CAPÍTULO 03: DESENVOLVIMENTO.....	34
4.1 O gosto musical dos estudantes e a Indústria Cultural.....	39
5. CARTILHA.....	44
APRESENTAÇÃO DA CARTILHA.....	01
SUMÁRIO DA CARTILHA.....	02
Capítulo 01 - O assédio nas letras do sertanejo universitário e o feminismo.....	03
Capítulo 02 - O discurso anti produtivista de Trem bala, de Ana Vilela.....	08
Capítulo 3: O fenômeno <i>drag queen</i> Pabllo Vittar e os estudos de gênero	14
Capítulo 4 :Anita e a Globalização.....	19
Capítulo 5: O fenômeno K-Pop e a Indústria cultural de Theodor Adorno.....	25
REFERÊNCIAS.....	29
REFERÊNCIAS MUSICAIS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se apresenta tem como ponto-de-partida duas motivações, uma pessoal e outra profissional, de um lado o mundo da arte e do outro a docência. Como sujeito apaixonado por música e que desde os quatorze anos de idade atua como músico amador em diversos projetos, acabei por encontrar nesse campo artístico um *hobby* que levei para outros âmbitos da minha vida, inclusive para a acadêmica. Ainda na graduação do curso de licenciatura em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), as minhas leituras e estudos procuravam fazer uma conexão entre arte e ciência, resultado prático disto foi que nos meus primeiros passos junto à docência me engajei na criação de tecnologias de ensino em Ciências Sociais pelas práticas musicais e, à partir daí, comecei a amadurecer esta pesquisa que tive a oportunidade de desenvolver junto ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO).

O contexto histórico pelo qual escrevo este trabalho tem a Sociologia reinserida nos quadros curriculares do ensino médio no ano de 2008 e envolta em uma realidade complexa, com várias dificuldades históricas que a educação brasileira enfrenta como analfabetismo funcional, falta de investimento, má formação dos docentes, falta de infraestrutura adequada, dentre tantos outros problemas que só se agravaram com o fenômeno da pandemia. Ainda buscando uma estabilidade em meio a tantas mudanças desde a sua reinserção, sobretudo com muitas ameaças de ser retirada novamente do currículo devido à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Sociologia busca seu “lugar ao sol”, uma identidade que consiga conciliar a complexidade de suas teorias com o cotidiano da sala-de-aula. E é no esforço de comunicar a ciência para o grande público, de transpor didaticamente o conhecimento sociológico que nos encontramos com os objetivos deste trabalho.

Um instrumento pedagógico tradicional nas escolas brasileiras é o material didático. Assim como inúmeras outras ferramentas, o livro tem como objetivo orientar o estudante no processo de aprendizado, além de auxiliar e estimular os diálogos possíveis em sala-de-aula. Durante a minha trajetória como docente, ministrando aulas de Sociologia no ensino médio e em Universidades desde 2008, pude reconhecer a importância dos livros didáticos que, com o passar dos anos tem se diversificado e se aprimorado no conteúdo, visando atender as necessidades dos professores no seu trabalho diário. Nas análises dos livros de Sociologia que me chegavam às mãos tinha uma atenção em especial para as canções que eram abordadas nos capítulos. Esse é um recurso corriqueiro a fim de aproximar os estudantes dos temas e estimular a imaginação sociológica, no entanto percebi que as músicas escolhidas para compor o conteúdo

não era da experiência auditiva da maioria dos alunos ou seja, não fazia parte do cotidiano deles escutar aquele tipo de música pelo fato de que não era do seu gosto. Esse detalhe que eu não deixei escapar me estimulou a realizar uma pesquisa acerca do gosto dos estudantes na Escola Estadual de Educação Profissional Francisco das Chagas, na cidade de Santana do Acaraú (CE). Com ajuda da observação flutuante, o resultado serviu de fundamento para a construção de uma cartilha envolvendo música e Sociologia. Assim o conteúdo se torna mais interessante tendo em vista que está levando em conta a vivência musical dos alunos, adicionando mais um atrativo que possa afetá-los sensivelmente e por meio disso permitir uma interatividade entre os atores sociais que compõem a instituição escolar. Portanto, foram os seguintes objetivos deste trabalho: uma análise do gosto dos estudantes por meio da observação flutuante para viabilizar a materialização de uma cartilha com aulas de Sociologia, abordando conteúdos gerados a partir de canções extraídas na pesquisa.

Por se tratar de uma discussão que envolve o gosto musical dos estudantes e do desenvolvimento de instrumentos didático-pedagógicos, o produto que aqui se apresenta para a apreciação dos leitores está alinhada com a finalidade do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), se enquadrando na linha de pesquisa de Juventude e questões contemporâneas. Esta realização só foi possível através das reflexões e estudos proporcionados por este programa de pós-graduação, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação (MEC) e por esse motivo venho frisar a importância dessa iniciativa que auxilia o docente na formação continuada e permite que o aprimoramento de metodologias e recursos possíveis de serem utilizados em sala-de-aula.

Então, para a melhor organização da exposição desta pesquisa, ela ficou assentada em três partes. Na primeira parte, dividida em dois tópicos, vou discutir o ponto de partida das minhas indagações, contando a minha trajetória, a minha relação com a música e a docência, para na sequência narrar uma situação ocorrida durante um estágio, nos momentos finais da minha graduação. Esse relato específico é um mote que tem como fundamento desenvolver reflexões acerca da juventude e da necessidade das instituições de ensino estarem permanentemente preocupada em dialogar com os estudantes.

Na segunda parte foram esclarecidas as questões metodológicas da pesquisa, que também ficou dividida em duas partes, tendo em vista que foram utilizadas metodologias diferentes para momentos distintos, sendo o primeiro instante dedicado à descrição do campo onde a pesquisa foi realizada e sobre a observação flutuante, metodologia escolhida para colher informações sobre o gosto dos estudantes. No passo seguinte me debrucei sobre a escrita da

cartilha, das dificuldades encontradas no processo, a estruturação do texto através da abordagem histórico-crítica, inspirada em Demerval Saviani e sobre a questão criativa envolvida nesse instante. Na sequência fiz considerações sobre os resultados da pesquisa, onde também foi esmiuçado aqui a questão do gosto dos estudantes e sobre a influência da Indústria Cultural.

A última parte está dedicada ao produto final, que é a cartilha em si, com cinco capítulos, onde foi feita a associação das músicas do gosto dos estudantes a temas das Ciências Sociais no ensino médio. Lá o leitor irá encontrar sugestões de aulas de 50 minutos, onde teremos o sertanejo universitário de Henrique e Juliano servindo de matéria para a discussão das lutas do feminismo, no primeiro capítulo. A balada *folk* da compositora e cantora Ana Vilela para discutir a questão da positividade tóxica e a sociedade do cansaço, conceito pensado pelo sul-coreano Byung Chul-Han, no segundo capítulo. A terceira parte dessa cartilha será dedicada à questão da identidade e sexualidade, onde fiz uma associação entre o polonês Zygmunt Bauman e a cantora *drag queen* Pabllo Vittar. No quarto capítulo abordei o funk carioca da Anitta e a questão da Globalização e por último discuti o fenômeno musical K-Pop, através da banda BTS, para debater acerca do conceito da Indústria Cultural, em Theodor Adorno.

Espero que com minhas elucubrações e ponderações tenha conseguido avançar em direção da construção de novas tecnologias com o propósito de transformar o espaço escolar em um ambiente de maior interação e diálogo. A Sociologia, nessa luta diária em busca de encontrar seu lugar no ensino médio, têm muito a contribuir com o exercício da alteridade, com a elaboração de recursos para uma escola mais democrática.

CAPÍTULO 01: MEMÓRIA, MÚSICA E DOCÊNCIA.

O senso comum nos adverte que questão de gosto não se discute, tendo em vista que a subjetividade de cada um é muito complexa para ser apreendida por qualquer inspeção científica, algo que não pode ser mensurado perante as técnicas e métodos desenvolvidos. Se amparando nesse argumento, não faria o mínimo sentido gastar tempo e energia em tentar investigar o gosto musical dos alunos de uma determinada escola, como é o caso desse estudo aqui descrito. Mas, para além do senso comum, o filósofo francês Pierre Bourdieu, em seu livro “A distinção: crítica social do julgamento” (2007), trouxe todo o seu arcabouço intelectual para se posicionar de maneira oposta e concluir que o gosto é passível de discussão pois existem fatores sociais (leia-se aqui principalmente família e educação escolar) que vão influenciar na forma como o sujeito consome os produtos culturais. O senso estético, ou seja, a forma como apreciamos uma obra de arte ou da natureza está relacionada à questões educacionais e fatores sociais, como foi bem dissecado no artigo “Arte e educação estética do gosto: a beleza enquanto necessidade cultural?” (2020), de Rafael Maldonado. Lá ele cita que:

“O fato de gostarmos ou não de determinada obra artística tem relação direta com o conhecimento que temos sobre a própria arte, isto é, o domínio do saber artístico para o reconhecimento do contexto histórico e linguagem estética. Esse conhecimento se converte no capital cultural que favorece a elaboração de critério de julgamento artístico que define o nosso gosto pessoal. A educação estética do gosto, formatada a partir do que se aprende escolarizadamente sobre arte, nos capacita a gostar ou não de determinada manifestação artística, o que acaba propiciando diferentes níveis de valoração da arte, reforçando o interesse de uns para linguagens da erudição cultural e, de outros, para formas de expressão popular.” (p.194)

Sem esse dado, somos levados a crer que o talento artístico ou mesmo a capacidade de apreciar uma obra de arte está relacionada a um dom, seja ele natural ou mesmo divino, todavia esta é uma premissa falsa quando estudamos a influência das instituições na relação do indivíduo com as questões estéticas.

Dentre as manifestações culturais e artísticas, fiz a escolha por estudar a música por uma questão afetiva, tenho uma ligação com o fazer musical desde os meus 14 anos e à partir disso fui sendo instigado a problematizar essa paixão pela música. No ambiente acadêmico, a escolha pela pesquisa de um objeto ou fenômeno que se quer investigar muitas vezes passa por motivações subjetivas. A disposição para analisar, colher informações, ir a campo, entrevistar e questionar, muitas vezes se mantém devido algum tipo de paixão que se nutre pelo objeto estudado, é o que faz o pesquisador seguir em frente, mesmo com as dificuldades que encontra no ato de investigar.

Lá no final do século XIX, Max Weber, um autor clássico das Ciências Sociais, já fazia

suas observações com base em seu método compreensivo e ressalta as dificuldades de se estudar os fenômenos sociais, estando imerso neles. O pesquisador, fatalmente envolveria sua pesquisa em questões subjetivas que não deveriam ser desprezadas enquanto dado dentro do processo, pois poderiam contribuir na investigação do fenômeno. O próprio Weber, que era exímio pianista, foi o único dos autores clássicos das Ciências Sociais a dedicar uma obra sua exclusivamente à questão musical, demonstrando que o seu *hobby* foi fundamental para o aprofundamento de suas reflexões sociológicas. Em “Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música” (1995), fica claro que ele tinha na música algo que exaltava, pois “tocava piano “para numerosos amigos que frequentavam sua casa nas tardes domingueiras”¹ (WEBER, p.9). Esse foi o meu caso e neste tópico vou contar a minha ligação com a música, como ela foi se transformando em um elemento central nas pesquisas que fiz, que já iniciaram durante a graduação, e como o aprofundamento dos questionamentos acabaram por fundamentar este trabalho que aqui se apresenta.

Tratar do gosto musical dos jovens dentro do ambiente escolar me obrigou a percorrer novamente, por meio das minhas reminiscências, os corredores das escolas em que fui estudante, e me ajudou bastante as lembranças de como a arte foi importante para a minha formação dentro da escola, por mais que a arte não tenha tido um lugar de destaque nestas instituições de ensino. Busquei na memória os afetos para reconstruir o caminho que fizeram cruzar a educação e a questão musical em minha trajetória de vida. Esses momentos são como uma bússola para guiar o leitor nos porquês que me instigaram a realizar esta investigação sobre o gosto musical dos estudantes e transformá-lo em cartilha de reflexão sociológica.

2.1. Por que música? Por que Sociologia? Por que música e Sociologia?

Neste primeiro momento percebo a importância de elucidar minhas motivações acerca dos objetivos do meu trabalho para guiar o leitor em uma exploração mais clara e sucinta, até porque essas motivações têm fontes e inspirações diversas. Para dar início a este relato será preciso trazer para o texto algumas memórias pessoais que revelam o meu envolvimento com o universo musical. A música é uma expressão artística que atravessa a vida das pessoas, elas gostando ou não, e ela proporciona experiências que marcam nossa trajetória e memória. Em “A Distinção: crítica social do julgamento”(2011), obra basilar de Pierre Bourdieu sobre a questão do gosto, ele frisa o motivo da música ocupar um lugar de destaque entre as outras formas artísticas.

“A música é a mais espiritualista das artes do espírito; além disso, o amor pela música

¹ Relato de Paul Honnigheim, antigo discípulo de Max Weber.

é uma garantia de espiritualidade. Ser insensível à música representa, sem dúvida - para um mundo pequeno burguês que pensa sua relação como povo a partir do modelo das relações entre corpo e alma - uma forma especialmente inconfessável de materialismo grosseiro.” (p.23)

Pelo fato da música ser intangível, ela está associada a um refinamento estético que só podem apreciar quem é dotado de sensibilidade, por esse motivo dizer que não gosta de música é entendido como algo negativo, pois implica que o indivíduo demonstra ser incapaz de contemplar o universo artístico e suas abstrações.

Viver uma experiência musical, como escutar um concerto de música clássica em um teatro, é uma experiência que nos afeta de forma sensitiva e que pode ser vivida de maneira individual ou compartilhada. Em um mundo cada vez mais afeito ao individualismo, os fones de ouvido conectados aos celulares são uma imagem cada vez mais comum nas ruas, em casa ou na escola, transformando o costume de escutar a música em algo particularizado. Entretanto existe a dimensão coletiva da música, seja assistindo um espetáculo musical com outras pessoas ou mesmo tocando em conjuntos, ela também tem esse poder de agregar em torno do som. No meu caso, quando tinha quatorze anos, a música foi uma busca para sair da minha introspecção e tentar a convivência com outras pessoas. Na adolescência eu era muito tímido e como forma de me incentivar a interagir, meus pais me deram um violão e me colocaram em um grupo de jovens da igreja católica para eu me socializar. Em pouco tempo saí do grupo porque não senti afinidade com aquela liturgia, mas as poucas aulas de violão que tive me marcaram bastante. A prática musical coletiva se mostrou como um espaço de acolhimento, passava horas absorvido com sons, notas e melodias. Passei a montar grupos musicais por onde ia, fosse na escola ou com os poucos amigos que tinha e esse movimento aumentava as minhas interações justamente por causa das bandas que eu formava. Fui conduzindo a vida como nas palavras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche: “Quão pouco é preciso para ser feliz! O som de uma gaita. Sem música a vida seria um erro.” (NIETZSCHE, p.13)

Inclusive, as relações musicais desenvolvidas na escola foram o que me incentivaram a concluir o ensino médio. Nunca fui um bom aluno e era abaixo da média sobretudo nas matérias de exatas, menos por indisciplina e mais por desinteresse mesmo. Eu não via sentido em aprender aquele conhecimento e tinha apetite em outros tipos de saberes, meu perfil era daquele tipo de estudante que dormia durante a aula inteira, mas para a surpresa dos meus professores eu não ia embora assim que o sino tocava, em dias de ensaio para a banda costumava passar o dia inteiro na escola e me dedicava bastante a esta atividade. Eu gostava do colégio, só não tinha apreço pelas disciplinas do ensino regular, salvo algumas exceções como Português e História. E assim eu ia passando de ano aos trancos e barrancos, sempre ficando de recuperação

em várias matérias, ao mesmo tempo que não encontrava sentido nos hábitos escolares, mas me realizava justamente na atividade de pouca relevância para aquele ambiente.

Isso me remete à obra de Ângela Linhares, “O Tortuoso e doce caminho da sensibilidade” (2003), onde ela se propõe a refletir sobre o lugar da arte na escola. No caso da instituição em que eu estudava, a disciplina de música era optativa para quem não gostava das aulas práticas de Educação Física. Existia uma espécie de acordo entre professores e diretoria que essa matéria não reprovava e portanto, para a maioria dos alunos, ela não merecia atenção como as outras disciplinas do currículo. Os estudantes que mais tinham afinidade com as aulas, eram convidados a integrar a banda da escola e foi aí onde a minha relação entre a escola e a música foi se intensificando. Mas fica aqui a consideração acerca do lugar da música no espaço escolar, que no caso da minha escola era de um lugar sem muita notoriedade. Existiam outros espaços musicais, como na rádio, que tinha uma programação feita pelos estudantes na hora do recreio, mas cabe notar que eram sempre lugares quase marginalizados, à sombra ou como trilha sonora de fundo, quase um ruído.

O fazer artístico dentro da escola ainda é um ato de resistência. Desenvolver uma laboração artística é sempre um desafio tendo em vista que este espaço oferece dificuldades ao mundo das artes. No Brasil, a visão de que a escola pública é um espaço voltado para o mundo do trabalho ficou mais intensa a partir do golpe militar de 1964 e que durou até 1985, viés ideológico esse que dura até hoje. A arte é vista como subversiva e perigosa, por isso, as experiências artísticas são observadas com muita desconfiança por parte de certos professores, coordenadores, diretores, pais de alunos e até alguns estudantes também. Os desencontros entre a arte e a escola são muito bem descritos e estudados na obra de Ângela Linhares que constata que o campo artístico é pouco explorado devido a preconceitos que estão historicamente enraizados na formação de professores, sobretudo naqueles que acham que a arte é menor do que o conhecimento científico e não tem nada a colaborar com o aprendizado dos estudantes, isso mutila o saber e transforma a escola em um espaço desinteressante para a juventude.

Como esclarece a autora:

(...) a escola parece funcionar, para as classes populares, como se fora um vestíbulo onde se mutila dimensões e preparam-se os corpos para o trabalho que é sacrifício. Com efeito, aí o sujeito que conhece se despe de ser também um sujeito que deseja. E, assim, se põe diante do conhecimento, usando a inteligência apartada dos fins a que ela serve, alijando-a da moral, da afetividade, da estética, em sua fome de atos e obras. Como se se pudesse extirpar do ser que aprende, em seus nervos vivos, essas dimensões (LINHARES, 1999, p.18).

Esse dilaceramento das dimensões da educação remetem diretamente às ideias de Theodor Adorno, em seu escrito “Educação após Auschwitz” (1995) que, tendo vivido o horror

da 2ª Guerra Mundial, repetia incessantemente que as gerações atuais e futuras estariam fadadas ao fracasso se não forem criadas condições propícias para evitar que a barbárie não se repita. E as bases para que esse processo não se consolide está na educação, é preciso educar o ser humano em sua integridade, sem aleijar suas dimensões e acima de tudo educá-lo para ser autônomo.

Auschwitz foi o campo de extermínio para onde eram deportados milhares de judeus, poloneses e opositores e lá eram submetidos a trabalhos exaustivos, à fome, à doença para depois serem executados em câmaras de gás pelos alemães. Na base de toda essa violência estava a educação nazista que ideologicamente convencia os jovens alemães de que eles eram uma raça superior, portanto, tinham autoridade para submeter outros povos à suas próprias leis. Nos portões de Auschwitz estava escrito "Arbeit macht frei" (Só o trabalho liberta), por trás de uma palavra de ordem foi executado o maior genocídio da era contemporânea e para Adorno era urgente se pensar em quantos outros massacres estavam sendo arquitetados em nome do progresso, da ordem e do trabalho, bandeiras fundamentais da sociedade moderna. Para evitar que esse triste capítulo da história se repita, é necessário uma educação capaz de transformar o indivíduo em alguém que não se sinta seduzido pelo autoritarismo e que consiga governar-se pelos próprios meios. Todavia, a escola padrão se coloca na função de composição preliminar ao trabalho e se destina a entregar um indivíduo que só vive essa dimensão, capenga de outras facetas inerentes ao ser humano. Citando Ângela Linhares:

“Desse modo, vi que, se a função precípua da Escola, no estágio do capitalismo tardio é a preparação para o mundo do trabalho e como, para as classes populares, o trabalho é sacrifício, a preparação para o mundo do trabalho que se faz na Escola antecipa o treinamento para a sujeição. Hipertrofia o Homo oeconomicus em detrimento de um desenvolvimento mais integral do que se aprende. Consequentemente, exclui-se a arte com a produção e leitura de sentidos que ela chama a si. Aparta-se a razão da dimensão desejante. Nega-se a polivalência do signo e a sua potência como conteúdo vivo do diálogo entre pares e textos.” (LINHARES, 1999,p.30)

Não é de maneira despropositada que a arte passou a ser cada vez mais marginalizada durante o período dos governos militares no Brasil, assim como no governo atual que flerta com o autoritarismo. A construção de um sujeito que se submete cegamente a autoridade passa por eliminar um modelo educacional que conteste ou critique as instituições vigentes, por isso, a arte e a ciências humanas e sociais não são bem-vindas nas escolas..

Em relação à minha trajetória, não via sentido em aprender alguns conhecimentos obrigatórios no currículo do ensino médio, o que acabava por me transformar em um personagem diretamente extraído da música Química (1986), do grupo de rock nacional Legião Urbana. Na letra, o compositor Renato Russo relata uma insatisfação enorme por essa sobrecarga de conteúdos muitas vezes desconexos da realidade em que os jovens vivem. Na

canção ele diz: “Não posso nem tentar me divertir, o tempo todo eu tenho que estudar, fico só pensando se vou conseguir, passar na porra do vestibular” (RUSSO, Renato). Além de ter que conviver com a discrepância de assimilar conteúdos nos quais não enxergava sentido prático, ainda tinha pressão vinda da família e da própria escola em escolher uma profissão, o que me parecia bastante anacrônico naquele momento. A coerção para que eu suprimisse todos os meus anseios e focalizasse exclusivamente no mundo do trabalho teve efeito oposto, foi desmotivador e frustrante.

Outra inquietação que trago para refletir é que na escola nunca se trabalhou a possibilidade da música ser uma profissão, ela sempre era colocada como hobby ou entretenimento barato. A arte não era vista como uma maneira de se ganhar o pão de cada dia, na cabeça dos dirigentes do colégio não passava a ideia de que algum daqueles jovens pudessem querer ganhar a vida como trompetista, escritor, pintor ou bailarino. O fato é que aquilo que eles menosprezavam foi o que me deu incentivo para continuar até o fim, mesmo com muitas dificuldades.

Da escola para a Universidade esse hobby acabou me acompanhando devido a sua importância nas minhas relações pessoais e afetivas. Ao completar a maioridade comecei a tocar nos bares de Fortaleza. Quando ingressei na Universidade Estadual Vale do Acaraú, no ano de 2006, para o curso de Ciências Sociais, tive que mudar para a cidade de Sobral e junto com esse deslocamento a minha insistência por criar projetos musicais permaneceu. Não demorou muito tempo e no ano seguinte à minha chegada eu já estava com outra banda formada com amigos do meio acadêmico, todos frequentadores da república na qual eu residia quando cheguei na Princesa do Norte.

O fato é que, devido à minha trajetória, eu me sentia inclinado a falar sobre música na vida acadêmica. De início não me parecia uma conexão tão óbvia porque dentro das leituras que me chegavam no curso, apenas alguns recortes falavam diretamente sobre a questão musical. Assim, não conseguia encontrar uma conexão entre as teorias das ciências sociais e a música, além do que esse detalhe ficava ainda mais complicado quando envolvia a questão escolar, tendo em vista que a modalidade do curso de Ciências Sociais que eu escolhi foi a de licenciatura e eu tinha que envolver a escola na pesquisa. As minhas experiências pessoais com a instituição escolar me levavam a crer que aquele espaço era um ambiente hostil para minhas reflexões pois o lugar da arte era sempre marginalizado, portanto o desafio era unir a minha paixão pela música com a ciência. Foi justamente durante a pesquisa para o TCC, intitulado “Desenvolvimento de tecnologias de ensino em Ciências Sociais pelas práticas musicais” (2011) que as primeiras reflexões sobre a construção de um material didático envolvendo

música e Sociologia começaram a se materializar. Em forma de memorial, foi uma experiência que:

“...aliou pesquisa e intervenção, envolveu dois campos distintos: a Escola de Música José Wilson Brasil, na cidade de Sobral e a Escola de Ensino Fundamental e Médio Elza Goersch (E.E.F.M.E.G.), na cidade de Forquilha, ambas localizadas na Região Norte do Estado do Ceará. A primeira constituiu campo de pesquisa, através do método etnográfico, que me possibilitou captar e pensar elementos para planejar e realizar uma intervenção na segunda escola, utilizando a música como instrumento pedagógico para dinamizar as aulas de Sociologia na educação básica por entender que esse recurso valoriza novas experiências, enriquece o conhecimento, desnaturaliza os fatos e é uma ferramenta eficaz no desenvolvimento da tolerância, criando um novo horizonte possível de experiências sócio-musicais.” (p.06)

Desde a conclusão deste trabalho, habitam em mim inquietações que insistem em permanecer e é a isto que devo esta nova investigação científica, um registro destas indagações, e do meu percurso em tentar respondê-las.

No tópico a seguir eu relato uma experiência em sala-de-aula que foi registrada em meu TCC, em Novembro de 2010. Este passo atrás é de suma importância para ampliar a percepção do leitor acerca das motivações que me trouxeram à criação desta cartilha, no progressivo desenrolar das minhas memórias vão surgindo apontamentos acerca da construção de materiais didáticos e da questão da juventude, do quanto esses dois elementos que pertencem ao universo escolar ainda carecem da construção de instrumentos que envolvam as realidades dos estudantes e sobretudo aquilo que os afeta.

1.2 Um estudo de caso e a questão da juventude.

Era uma terça-feira, por volta das oito horas da manhã e eu já estava no ponto das conduções que levavam os passageiros aos distritos e cidades vizinhas a Sobral. No meu diário de campo datava 23 de novembro de 2010 e era um dia quente, como costuma a ser no interior do Ceará, nos últimos meses do ano. O motivo pelo qual eu estava naquela parada das *Topics* era que eu tinha me comprometido a realizar uma intervenção pedagógica da disciplina de Sociologia como parte das atividades do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), programa este que eu estava integrado desde março de 2010 até março de 2011, pelo curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). A instituição que eu estagiava era a Escola de Ensino Médio Elza Goersch, na cidade de Forquilha, a 18 quilômetros de distância de Sobral. A três dias antes havia sido comemorado em todo o país o Dia da Consciência Negra e ficou combinado que a minha aula seria em torno dessa temática, visto que a escola tinha reservado a semana para dialogar sobre a importância da data. O tema em si é de uma grande complexidade, o que gerou uma ansiedade enorme para conseguir

transmitir o conteúdo de uma forma bastante clara aos estudantes. Eu já tinha sido professor de Sociologia em outra escola, em 2008, mas entrar em uma sala para exercer a docência em turmas novas sempre me deixa mais agitado, todavia uma das vantagens de estagiar em um programa como o PIBID² é poder ser supervisionado e orientado. Ficou acordado que seria uma intervenção no 1º ano.

Na elaboração do plano de aula ponderei que uma das ferramentas didáticas que deveria ser utilizada era a música, pelo fato de que temos muitos exemplos de canções brasileiras de artistas negros que poderiam ser aproveitadas para discutir assuntos relacionados à Sociologia e a questão da negritude. No primeiro instante me veio a ideia de fazer uma audição junto com os estudantes da música “Olhos coloridos”(1974), que ficou famosa na voz da compositora e musicista Sandra de Sá, mas foi composta pelo instrumentista, compositor e cantor Osvaldo Rui da Costa, conhecido por Macau. Esta canção tem um fato importante acerca da luta contra o racismo porque ela foi escrita em um episódio de preconceito por parte da Polícia do Rio de Janeiro, onde Macau acabou preso nesta circunstância. Tenho uma grande admiração por Sandra de Sá, que é um ícone da música black e essa canção em particular exalta a cultura negra e tem um ritmo agitado, o que é interessante para dar uma dinâmica na aula. Parei um pouco e refleti que uma música que datava a década de 70 poderia não cair bem aos ouvidos dos estudantes, não soar familiar, resolvi mudar o plano e buscar outra possibilidade.

Aqui abro um parêntese, pois na minha trajetória como docente eu já tive algumas decepções didáticas nesse sentido. Em uma intervenção anterior planejei uma aula sobre industrialização no Brasil e decidi expor a música “Construção”(1971), de Chico Buarque. Dentro da minha perspectiva era uma escolha acertada, seria um sucesso, entretanto os estudantes não tiveram nenhuma reação de maior interesse. Eles simplesmente não foram tocados pela música, o que me deixou bastante frustrado, tendo em vista que era uma canção que eu gostava bastante. Essa circunstância me levou em um primeiro momento de dissabor a atribuir o desinteresse dos alunos ao desleixo ou preguiça, quando não menos veio a frase que frequentemente escuto de outros professores: “Esses jovens de hoje não sabem o que é música boa”. Demorou um tempo até entender que as referências desses alunos não eram as mesmas minhas, e esse é um ponto fundamental que aprofundaremos mais à frente. Voltemos à aula.

Após um tempo de pesquisa decidi levar “Negro drama”, do grupo de Rap Racionais

² O PIBID é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência que tem como objetivo a formação de docentes. Teve início no ano de 2007 e é administrada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). As principais metas do programa é aproximar a Universidade da escola e com isso oferecer uma oportunidade de estágio aos estudantes de licenciatura que buscam aprimorar sua experiência na docência.

Mc's. O ritmo estava em alta naquele ano e essa música de 2002 é uma espécie de hino para os apreciadores do estilo. A letra da canção traz uma crítica social contundente e eu estava convencido de que era a trilha sonora ideal para a ocasião, dada como concluída a missão do planejamento da aula, arrumei as coisas e parti para o ponto dos transportes. Chegando na escola, entrei em sala após o recreio e fiz algumas pontuações sobre aquela experiência. Ela também está registrada no meu TCC e lá eu pontuei:

“No começo da aula, discorri sobre a história do negro no século XX, sobre o abandono da sociedade que agora não precisava mais da mão-negra escrava e empurrava-os para a periferia da sociedade. Depois conversei sobre a condição do negro nos dias de hoje e os locais de destaque que eles ocupam, com ajuda de data show, disponibilizado pela escola, exibi todas as imagens que pude colher com a palavra-chave “negro famoso no Brasil”. No quadro apareceram artistas que começaram a chamar atenção dos alunos, eles se identificavam quando o jogador de futebol Robinho, ou o ator Lázaro Ramos apareciam na imagem projetada na parede, isso já gerou uma enorme discussão entre eles sobre o tema,” (2011. p.49)

Na hora mais aguardada por mim, que era o momento musical, a maioria da sala ficou em silêncio, escutando atentamente, mas o olhar era de estranhamento por parte deles. Alguns poucos alunos esboçaram uma reação positiva, escutei um deles comentar: “Pode crer, o professor escuta Racionais.”, mas ficou por isso mesmo. Ao sair da aula fiz uma avaliação acerca da minha atuação e um dos pontos que relevei foi o porquê de não ter conseguido tocar sensivelmente os estudantes apesar de ter escolhido uma música mais recente de um estilo que estava sendo muito difundido naquele momento. A minha conclusão foi que eu acabei caindo na armadilha de achar que todas as juventudes são iguais e que aqueles jovens deveriam ter reagido de forma padronizada. No planejamento da aula eu havia esquecido de problematizar o lugar de onde eles vinham e o fato que eles são diversos e plurais, ignorei esses elementos e troquei por uma suposição do que eu achava que eles eram e do que gostavam, um erro grave para um professor e sociólogo.

Nas palavras de Pierre Bourdieu, em entrevista a Anne-Marrie Metáilié, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*: “a juventude é apenas uma palavra” (1978). Está na base do nosso trabalho de cientista social perceber que as divisões entre idades são arbitrárias. O que chamamos de jovem aqui pode não ter o mesmo significado no Oriente Médio, ou na África, por exemplo. O conceito de juventude é uma mera abstração que depende de condições sociais, econômicas, culturais, geográficas, biológicas, dentre outras, portanto, muito longe da homogeneização que se faz quando se utiliza essa palavra. Não seria exclusivamente o fato de que o rap apresentado na aula era um gênero musical atribuído aos mais jovens, que necessariamente os alunos do 1º ano da Escola Elza Goersch, da cidade de Forquilha, teriam que gostar. Era preciso ir além desses estereótipos, ir a fundo no que eles gostavam em termos

musicais, conhecer as várias realidades em que eles se encontravam, para enfim ter um diagnóstico mais completo. Esse esforço de nos aproximarmos daquilo que afeta o estudante é um comprometimento do ofício do sociólogo, desde o retorno da Sociologia aos currículos do ensino médio está entre os desafios dos profissionais do ramo encontrar uma identidade da disciplina que esteja conectada com as linguagens juvenis. Para tal tarefa, urge o exercício da alteridade, para nos aproximarmos e facilitar a interação; reconhecer o ser humano em sua totalidade é compreender as suas diversas condições, econômica, social, cultural e artística.

Nas palavras de Juarez Dayrell (2007):

Temos de levar em conta também que essa condição juvenil vem se construindo em um contexto de profundas transformações sócio-culturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, fruto da ressignificação do tempo e espaço e da reflexividade, dentre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitetura do social (DAYRELL, 2007, p.1108).

Para ele, as estruturas que caracterizam a juventude se modificam, como, por exemplo, a questão do trabalho. O jovem que frequenta a escola pública no Brasil muitas vezes divide seu tempo com um trabalho, fazendo assim uma jornada exaustiva, porém, diferentemente da juventude de países ricos, ele não pode se dar ao luxo de apenas estudar porque o trabalho é que lhe garante a sobrevivência. E mesmo com todas as adversidades é importante destacar que:

A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar idéias*, para ouvir um “som”, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer. Mas, também, tem se ampliado o número daqueles que se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças, ou mesmo programas em rádios comunitárias. (DAYRELL, 2007, p.1109)

Entender o universo do jovem hoje em dia se tornou primordial para a renovação dos conteúdos e métodos adotados no cotidiano da escola. Aproximar os saberes escolares das práticas juvenis tem uma significativa relevância, pois transforma o ambiente escolar em um espaço mais atraente para este jovem que se sente mais à vontade para interagir com conteúdos e práticas com os quais se identifica.

É importante sempre colocar em pauta esse interesse do jovem pela escola observando que os números da evasão escolar é um problema recorrente da realidade brasileira. A disciplina de Sociologia, como parte da instituição escolar, está vivendo os desafios de buscar a atenção do aluno com base na sua relevância de saberes e disputar a atenção desse jovem para as suas reflexões. Temas contemporâneos como a questão da sexualidade, o meio ambiente, a globalização, mundo do trabalho, dentre outras grandes questões são abordados frequentemente pelas análises sociológicas, ao mesmo tempo em que são retratadas diariamente através das músicas, a expressão artística mais consumida entre os jovens contemporâneos, tendo em vista

que a internet e as plataformas digitais difundem diariamente os mais variados estilos musicais. Esse material pode ser aproveitado pelas escolas para uma reflexão mais elaborada da realidade que nos cerca, utilizando a arte e o conhecimento científico.

Esta também é uma linha de pensamento abordada na perspectiva dos escritores canadenses Maurice Tardif e Claude Lessard que observaram através dos seus estudos em “O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas”(2014), eles perceberam que as transformações que acontecem nas sociedades modernas avançadas colocaram a docência como um tipo de trabalho central no funcionamento dessas sociedades. Nas próprias palavras de Tardif e Lessard:

“Fundamentalmente, o ensino é visto como uma ocupação secundária ou periférica em relação ao trabalho material e produtivo. A docência e seus agentes ficam subordinados às esferas da produção, porque sua missão primeira é preparar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho. O tempo de aprender não tem valor por si mesmo:: é simplesmente uma preparação para a ‘verdadeira vida’, ou seja, o trabalho produtivo, ao passo que, comparativamente, a escolarização é dispendiosa, improdutiva, ou quando muito, reprodutiva.” (p.17)

Porém, os autores encontraram quatro constatações de mudanças nas sociedades modernas avançadas que alteraram essa perspectiva do fazer docente. A primeira é que fazem cerca de cinquenta anos que a categoria dos trabalhadores produtores de bens materiais está em queda livre em toda sociedade moderna avançada. Em segundo, grupos de profissionais, cientistas e técnicos ocupam progressivamente posições importantes em relação aos produtores de bens materiais. Em terceiro, as novas atividades trabalhistas são grupos especialistas na gestão de problemas econômicos e sociais, com auxílio do conhecimento em ciências sociais e naturais. E por último, as transformações em curso apontam para profissões que se preocupam com as interações sociais, que observam os seres humanos como “objetos de trabalho”. Com a mudança no mundo do trabalho, a docência precisa estar cada vez mais voltada para a questão da interação. Ainda segundo Tardif e Lessard:

“A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte, ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativas e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores. (...) O fato de trabalhar com seres humanos, portanto, não é um fenômeno insignificante ou periférico na análise da atividade docente : trata-se pelo contrário, do âmago das relações interativas entre os trabalhadores e ‘os trabalhados’ que irradia sobre todas as outras funções e dimensões do métier”. (p.35)

Portanto, existe uma tendência das escolas passarem por um processo de renovação na qual as matrizes curriculares comecem a levar em conta a questão das interações sociais e os saberes que os professores devem adquirir para promover uma maior interação também passarão pela questão da experiência afetiva e sensorial.

Dentre as diversas expressões artísticas, a música é uma das mais consumida no mundo

inteiro e a juventude a acessa nos mais variados tipos de plataformas e mídias, isso potencializa a interação entre eles e este é um fenômeno a ser levado em consideração para a elaboração de manuais a serem manuseados por docentes e discentes. A educação sensorial e estética tem um papel fundamental na formação de um indivíduo e as instituições de ensino são espaços-chave no desenvolvimento desses estímulos e aqui destaco a relevância deste trabalho que caminha na direção de envolver-se com as escutas musicais dos jovens, em um movimento de alteridade auditiva.

O capítulo a seguir será dedicado às estratégias que tracei para o desenvolvimento do material didático (cartilha). Essa parte do trabalho se divide em dois capítulos pois, no primeiro, teremos uma reflexão sobre o campo e os meios que utilizei para colher os dados, e na segunda parte falarei da metodologia que usei para escrever a cartilha. Estas explicações tem como objetivo não só tratar das questões técnicas, mas também dar cara aos personagens e corpo à pesquisa, numa tentativa de aproximar o leitor de todo o processo.

3. CAPÍTULO 02: METODOLOGIA DA PESQUISA E DA ESCRITA

A criação da cartilha passou por dois momentos distintos em que, num primeiro instante, eu estive no campo de pesquisa, que foi a Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Francisco das Chagas Vasconcelos, na cidade de Santana do Acaraú, na região Noroeste do Estado do Ceará, a 40 quilômetros de Sobral/CE, lá eu lecionava para as turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, nas disciplinas de Sociologia e Mundo do trabalho, nos anos de 2017 e 2018. Por meio de uma pesquisa qualitativa da qual fiz uma observação flutuante, fui coletando junto aos alunos as músicas que estavam presentes no cotidiano deles.

O segundo momento foi a escolha do conteúdo que compôs a cartilha sua elaboração, nesse processo também tive que adotar alguns critérios para conseguir conciliar o material das escutas recolhidas em campo junto aos estudantes, com a criação de conteúdo sociológico formatado para as aulas do ensino médio. Apresentarei uma cartilha relacionando temas e teorias, onde foi preciso criatividade para conectar os conhecimentos sociológicos com as canções, percebendo-as em sua forma e em seu conteúdo, não apenas a letra, mas também seu estilo musical, histórico do autor e contexto no qual ela foi criada, dentre outras ferramentas que possam otimizar o trabalho do professor em sala de aula, transformando, assim, o ofício da docência em um processo mais interativo e atrativo.

A metodologia abordada na criação da cartilha segue os passos da pedagogia histórico-crítica na montagem das aulas pois este instrumento pedagógico envolve o estudante no processo possibilitando uma interação mais intensa, afinal a docência é trabalhar com, sobre e para seres humanos. O motivo pelo qual as relações interativas são valorizadas e é elemento central na construção da cartilha tem relação direta com o labor docente, com o fato de que a matéria-prima de seu trabalho não são objetos inertes, mas com seres dotados de capacidade de decidir, dialogar, aceitar ou negar, e para aperfeiçoar essa relação faz-se necessário uma postura frente a este desafio de conhecer melhor essa cultura juvenil.

Sendo assim, esse capítulo sobre metodologia foi dividido em duas partes. A primeira que eu escolhi chamar de “No chão da Escola”, traz uma descrição do campo, que é a escola em si, em que utilizei do recurso da observação flutuante, por onde eu ia flanando pelo pátio e corredores da escola durante os intervalos e relatei as minhas reflexões que levaram a estruturar a pesquisa através desta forma. O segundo instante teve seu foco na elaboração dos métodos de criação da cartilha, que autores foram utilizados para fundamentar o processo e como aconteceu a construção desse instrumento didático com base no que os alunos escutavam em seu cotidiano.

3.1 No chão da escola

Se tem uma característica que marca as Escolas Profissionalizantes do Ceará é que elas são construídas dentro de um padrão para serem exatamente iguais. Se você está na cidade de Fortaleza, Iguatú ou Sobral, você vai reconhecê-la pela sua similaridade, são feitas seguindo o mesmo padrão arquitetônico. Até 2020, o Estado do Ceará contava com 122 escolas desse modelo³, e percebi essa característica quando fui lecionar em Santana do Acaraú, no ano de 2017. Apesar de ser muito próximo de Sobral, cidade onde resido, eu nunca tinha visitado Santana do Acaraú, para mim era uma dessas cidades de passagem para outros destinos, mas a notícia de uma vaga para professor de Sociologia acabou por me aproximar desse lugar peculiar.

Figura 1 - Fachada da Escola de Ensino Profissional Francisco das Chagas Vasconcelos. Visão padrão dos prédios desse modelo.



.Foto: Arquivo pessoal do Diretor da escola Júlio Aragão (2018)

Com aproximadamente 32.600 habitantes, segundo estimativa do IBGE para o ano de 2020, Santana do Acaraú é uma das cidades banhadas pelo Rio Acaraú. Ela fica situada a 35 quilômetros de Sobral e a 228 quilômetros da capital e sua economia ainda é predominantemente agrícola. É nesse cenário que a Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Francisco das Chagas Vasconcelos foi inaugurada, em abril de 2012, fazendo

³ As EEEP's (Escolas Estaduais de Educação Profissional) surgiram com o objetivo de integrar o ensino médio à formação profissional de nível técnico, fornecendo assim uma ponte entre a educação e o mundo do trabalho. O ano de início da sua implementação foi 2008 e disponibiliza aos jovens uma educação em tempo integral.

uma homenagem a um conhecido político da cidade. A instituição, localizada no bairro João Alfredo, zona urbana da cidade, conta com a média de 460 alunos matriculados, sendo que cerca de 60% deles são provenientes de áreas fora da sede, em localidades da zona rural. Como escola profissionalizante, a EEEP Francisco das Chagas Vasconcelos tem esse perfil voltado para a atuação do estudante no mercado de trabalho, com cursos para que o aluno saia da escola com um ofício, no caso da referida escola os cursos são Eletrotécnica, Agroindústria, Finanças e Desenho da Construção Civil. Portanto, os alunos são divididos em 12 turmas, sendo 4 de 1º, 2º e 3º ano, relativas aos cursos técnico profissionalizantes específicos da escola.

Um dado relevante e complementar é que esta referida escola já foi objeto de estudo, em um trabalho de pesquisa do PROFSOCIO, conduzido por Maria do Socorro Alexandre, tendo como objetivo uma discussão ampla e aprofundada da questão entre urbano e rural e a inserção dos jovens da escola nesse contexto. Nas palavras da própria autora essa pesquisa:

“...pretende subsidiar o ensino dessa disciplina no Ensino Médio, produzindo conhecimento sobre os jovens rurais, suas trajetórias, contextos de vida e suas relações com a escola para que, assim, se possa pensar modos de contextualizar e adaptar este ensino ao referido público.” (2020, p.15)

Uma leitura desta pesquisa ajuda o leitor a ampliar a sua percepção acerca da rotina da escola e dos problemas que a envolvem, pois parte de conflitos diferentes, dando ênfase à história de vida dos estudantes que percorrem longas distâncias para acessar o ensino público básico, realidade que acompanha a trajetória desses jovens.

Até 2017 ainda não tinha trabalhado em uma instituição de ensino profissionalizante e para além da surpresa com relação à estrutura arquitetônica, o conteúdo curricular também me chamou atenção. Com uma matriz curricular dividida em três áreas de formação, as escolas de educação profissionalizante contam com formação geral, formação profissional e formação diversificada sendo que a formação geral compreende os 13 componentes curriculares básicos e comuns ao ensino médio que são Matemática, Artes, Língua Portuguesa, Espanhol, Educação Física, História, Geografia, Sociologia, Biologia, Física e Química, sendo estes divididos em 4 áreas do conhecimento, que são Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da natureza e suas tecnologias e Ciências humanas e Sociais aplicadas. Para este eixo de formação geral fica estipulado o total de 2.620 horas.

Levando em conta o perfil socioeconômico do município e o projeto de desenvolvimento do Governo Estadual decide-se de forma estratégica quais os cursos serão ofertados na instituição. Durante o ano letivo são ministrados 1.520 horas de conteúdo para a formação profissional, segundo o próprio Governo do Estado, o objetivo é adequar o conteúdo

de acordo com o perfil profissional desejado. Nesse eixo de formação acontecem os estágios desses alunos em empresas que fazem parceria com o Governo do Estado para dar aos alunos as primeiras experiências com o mundo do trabalho.

E por último, temos a formação diversificada que conta com horários de estudo, projeto de vida, mundo do trabalho, empreendedorismo, formação para a cidadania, oficina de redação e projetos interdisciplinares. Neste eixo diversificado são utilizadas 1.260 horas, totalizando 5.400 horas se somarmos todos os eixos de formação. Sendo assim, a escola profissionalizante funciona em período integral, iniciando a primeira aula às 7 da manhã e encerrando às 16:20 horas da tarde, com intervalo de merenda pela manhã, almoço e merenda pela tarde.

Para complementar minha carga horária, fui Professor Diretor de Turma (PDT) no ano de 2017 e no ano de 2018 ministrei também a disciplina de Mundo do Trabalho. Para quem não está familiarizado com essas nomenclaturas, o Professor Diretor de Turma tem como função conhecer todos os alunos de uma determinada turma e acompanhá-los de forma mais próxima, um acompanhamento de vigilância mais intensa que envolve inclusive o contato constante com os pais ou responsáveis. Muitos professores se consideram uma espécie de pais alternativos desses alunos devido a proximidade de relacionamento que acontece durante o ano letivo. A disciplina de mundo do trabalho já é uma aproximação dos estudantes com as realidades do mercado profissional, uma espécie de primeiros passos para a reflexão desses jovens no universo do labor.

Pela minha trajetória como pesquisador de temas relacionados à música, assim que assumi como professor de Sociologia, em janeiro de 2017, já tinha uma inclinação para desenvolver trabalhos que envolvessem essas duas áreas junto aos estudantes. Minhas experiências anteriores na docência me mostraram que as aulas que envolviam música costumavam induzir mais interação do que somente a aula expositiva. A minha preocupação naquela minha nova etapa da docência consistia em ir além dos resultados obtidos até aquele momento e encontrar um novo nível de interação entre Sociologia e música, isso exigia algumas investigações, sobretudo acerca do gosto musical dos estudantes.

Num primeiro momento me inspirei metodologicamente na obra já citada aqui, “O doce e tortuoso caminho da sensibilidade”, para ir buscar o lugar da música na escola. Essa investigação carecia de um olhar de estranhamento para com o cotidiano escolar, é uma tarefa muito árdua sobretudo para quem está diretamente inserido no dia-a-dia da prática docente pois existe uma tendência de naturalização da rotina. Nas palavras de Ângela Linhares:

“Quando me pus de olhar estranhado para o cotidiano da escola, pensei em uma metodologia de pesquisa que facilitasse uma desconstrução do que me era tão familiar. As palavras se debruçavam nas soleiras dos dias, acostumadas. Sua obviedade me

impediam de ver.”(p.18).

A rotina exigida de 40 horas semanais, entre dar aulas e fazer planejamentos, as avaliações parciais e globais que tinham que ser elaboradas, aplicadas e corrigidas, os diários de classe que precisavam estar sempre atualizados para a supervisão constante do coordenador de área. Além disso, no meu caso, que morava em Sobral, ainda tinha que me deslocar de segunda a sexta para Santana do Acaraú, o que me fazia gastar mais 45 minutos nesse deslocamento. Dentro desse contexto surgia a necessidade de criar uma logística para incluir a pesquisa nesse processo e essa realidade singular exigia uma criatividade metodológica para se adequar a todos esses percalços no ato de pesquisar.

Figura 2 - Fotografia como Professor Diretor de Turma, em cerimônia de certificação de melhor desempenho dos alunos da 3º Agroindústria.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

No princípio não sabia bem o que estava investigando, apenas tinha uma determinação de envolver a música e a Sociologia por conta da minha inclinação musical e interesse em dar continuidade às minhas reflexões iniciadas na graduação. Guiado pelo afeto, dei o primeiro passo a partir do esquadramento do gosto daqueles jovens que eu estava conhecendo e a abordagem metodológica que mais se encaixava dentro das minhas perspectivas e limitações precisava ter uma relação com o “desendereçamento” no ato de pesquisar, ou seja, as minhas observações não possuíam um olhar fixo e delimitado, pois nos passos iniciais meus sentidos deambulavam em busca de músicas que preenchem o ambiente daquela instituição.

Assim como em “Tortuoso e doce caminho da sensibilidade”, no qual a autora se

perguntou sobre o lugar da arte na escola para poder definir melhor a metodologia da sua obra, eu tomei a liberdade de perguntar qual era o lugar da música na escola? Para a minha surpresa, mesmo sendo uma escola profissionalizante, com foco no mundo do trabalho e no ensino técnico, a música insistia em estar presente e encontrava suas maneiras de se manifestar das formas mais criativas.

Percebi que a música estava bastante presente na sala de aula, nos trabalhos em grupo, principalmente em forma de paródia, para enriquecer as apresentações. Nas gincanas da escola junto com danças e coreografias, que eram sempre muito ensaiadas por eles tendo em vista que as turmas competiam entre si e eles se envolviam bastante nesse processo. Nas datas festivas tradicionais como no São João, nesse caso em específico eu cheguei até a formar uma banda de forró com os estudantes da escola para tocar na quadrilha e também nos corredores, sobretudo na hora do recreio. De todas essas manifestações, a que mais me chamava atenção era esse momento dos intervalos (recreio, almoço e merenda da tarde), os jovens pareciam se envolver com a música de maneira mais espontânea. Assim que tocava o sinal, violões, caixinhas de som e percussões eram vistos circulando. Nesse momento alguns estudantes demonstravam seus dotes artísticos cantando e tocando um instrumento enquanto outros escutavam suas músicas pelo celular ou caixinhas de som portáteis.

Figura 3 - Apresentação da banda de forró formada por alunos da escola, para o São João de 2018.



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

O motivo pelo qual esse instante tinha maior valor para a minha percepção se deve pela diversidade, apesar dos momentos de intervalo acontecerem todos os dias na escola, as

disposições da qual eles se mobilizaram para escutar aqueles sons me deixava bastante curioso. Isso exigia de mim uma postura de desnaturalizar aqueles momentos num exercício de enxergar uma construção coletiva daqueles jovens, de como eles se apropriaram do elemento musical para socializar os seus gostos e assim compartilhar experiências entre si.

Esse ato de percorrer o pátio e corredores da escola, de forma despreocupada fazendo audição do alvoroço sonoro provocado pelos estudantes, me lembrou o flâneur, personagem retratado por Walter Benjamin que é representado pela imagem de um intelectual ou artista, na França do século XIX, em busca de compreender as questões sociais e históricas de seu tempo, passava horas vagando pela cidade, muitas vezes na esperança de acabar achando alguma resposta para as suas indagações em alguma andança. Essa falta de endereço do objeto de pesquisa não significava desinteresse em pesquisar, havia ali uma busca que, pelos sons que os estudantes emitiram, aconteceu uma instigação em saber mais acerca do que eles gostavam, de conhecer mais.

Para compreender os múltiplos significados daqueles instantes precisei desvelar os olhos desta visão reducionista da música apenas como som e precisamos fazer serem vistos os agentes sociais que tornaram capazes a fabricação deste objeto de interação social que é a música. Anthony Seeger fundamenta que:

(...) música é um dos processos sociais através dos quais as pessoas criam e participam em relações sociais de diversos tipos. A música é, assim, um recurso social que, em certos momentos, vai ser utilizado junto a outros recursos sociais.” (SEEEGER, 2008, p.20)

Dadas essas circunstâncias, acreditava que estaria fazendo uma observação participante, todavia estaria incorrendo no erro pois essa metodologia, como o próprio nome diz, exigia que me envolvesse junto com os estudantes e em muitos momentos apenas estava ali, observando, sem interagir. E apesar de conviver com os estudantes quase diariamente, das 7 até às 16:20 horas da tarde, fazia o deslocamento diariamente até a minha residência na cidade de Sobral, não morava em Santana do Acaraú e não participava de outros grupos sociais ou atividades em que estes jovens se envolviam. Minhas observações se limitavam ao contexto escolar e ao gosto musical.

Com um pouco mais de cuidado, cheguei até os escritos do antropólogo Márcio Goldman, para o anuário antropológico em “Antropologia Contemporânea, Sociedades Complexas e outras questões”(1995), em que ele fala da observação flutuante. Dadas as condições das sociedades contemporâneas cada vez mais complexas, as maneiras de se observar os grupos sociais também vai se criando uma necessidade de modificar as metodologias de pesquisa. A francesa Colette Pétonnet, pioneira em Antropologia Urbana, se utilizou dessa

técnica para estudar usos diversos que os parisienses fazem de um cemitério local, e isso se caracterizou principalmente pelo detalhe de que a pesquisadora não mobilizou a atenção sobre um objeto preciso. A Colette Pétonnet não sabia bem o que procurava e terminou por construir uma pesquisa acerca dos hábitos e costumes diversos de um sepulcrário francês. Sobre esta obra de Colette Pétonnet, a Doutora em Antropologia Soraya Silveira Simões reflete que:

“A observação flutuante, por sua vez, exige do observador um grau considerável de disponibilidade para, em um encontro fortuito, sem hora marcada, identificar o início de uma viagem. Uma viagem muito particular ao sentido que o outro dá àquilo que ali veio fazer. A observação flutuante, por princípio, termina onde começa a observação participante. Ela não tem endereço, ela não se destina, ela não conhece, nem partilha nada antecipadamente. É um tipo de observação ‘desendereçada’ – mas não desinteressada.” (p.195)

A base da construção do material didático que se consolidou em forma de cartilha teve como elementos principais as minhas anotações provenientes desses momentos em que socializei junto a eles nos intervalos, ou mesmo apenas observei aqueles práticas que envolviam a música e da qual nós gravitamos, pela capacidade de agregação do som.

No capítulo a seguir será dissecado mais sobre essas anotações provenientes das observações flutuantes e quais foram os métodos utilizados para transformar essas informações das escutas sonoras dos estudantes em conteúdo didático.

3.2. Da escola para a escrita

Em 2018 eu encerrei meu ciclo profissional na Escola Estadual de Ensino Profissional Francisco das Chagas, ciclo este que eu havia iniciado no ano anterior, os novos ventos pareciam que iam me distanciar da Sociologia e da sala-de-aula, mas para a minha sorte eu ingressei no mestrado do PROFSOCIO, em 2019 e tinha a ideia fixa de construir um material didático com todas aquelas experiências vivi nos anos anteriores. Daí dava-se início à uma nova fase que culminou na análise das memórias e anotações acerca da minha relação afetiva e sonora com o gosto dos estudantes para a materialização da cartilha.

Em primeira instância, fazendo pesquisas sobre temas afins com a proposta deste trabalho, para me orientar melhor na minha escrita, tive uma dificuldade em encontrar conteúdo que falassem sobre a questão musical no ensino de Sociologia no ensino médio, são temas pouco explorados quando problematizados juntos e essa conclusão tem sentido quando levamos em conta o fato que a Sociologia retornou como obrigatória ao ensino médio no ano de 2008, depois de um hiato de pouco mais de sete décadas. As idas e vindas da Sociologia do currículo das escolas geraram uma lacuna na produção de material didático e essa área do saber científico se manteve distante do debate escolar. Quando a sua reinserção acontece no âmbito nacional

foi preciso criar diversos dispositivos institucionais que dessem suporte aos profissionais que iriam atuar nesta área, inclusive para a criação de um material didático mais atualizado, uma vez que as ferramentas pedagógicas são fundamentais para auxiliar o docente na transposição didática e este é um processo que está em construção, com ajuda do PNLD⁴. Nas próprias palavras do pesquisador em ensino de Ciências Sociais Amaury César Moraes:

“[...] há uma demanda, que se vinha reprimindo há décadas, a respeito de materiais didáticos para apoio aos professores: coletâneas de textos, resenhas, informações sobre pesquisas no campo, material para alunos, etc. Mas, essa demanda que planejamos ir atendendo mais alentadamente, conforme fôssemos desenvolvendo outras atividades, acabou se impondo de imediato, em vista justamente das contingências produzidas pela própria intermitência da presença da disciplina Sociologia nas escolas de nível médio do País: formação dos professores, professores em exercício formados em Ciências Sociais há muito tempo, professores formados em outras disciplinas que ensinam Sociologia, falta de material didático de qualidade, entre outros” (MORAES, 2010, p.09).

Todavia, para além das dificuldades de pesquisa, teve uma leitura que me ajudou bastante a fundamentar metodologicamente esse momento da escrita da cartilha por tratar sobre a questão das letras de música que foi o artigo “O uso das letras de música nas aulas e Sociologia” (2012), de Cristiano das Neves Bodart. Esse autor, que é Doutor em Sociologia pela USP, vem se dedicando à temática de ensino de Sociologia, além de ser fundador e editor do blog Café com Sociologia, e em seu artigo ele alerta para o risco de se distanciar da análise sociológica quando se utiliza música nas aulas.

Existe uma variedade de temas possíveis para serem abordados tendo em vista a riqueza que é a música brasileira, sobretudo no estímulo à “imaginação sociológica”, porém o resultado pode não ser o efeito desejado. Nas palavras do autor:

“A música brasileira é rica em tratar de questões do dia-dia, questões próximas aos alunos, o que seduz o professor a utilizá-las em sua prática docente. Questões como problemas sociais, costumes, regras sociais, estratificação social, relações sociais, contato social, discriminação, entre outros, são exemplos de temáticas amplamente abordadas nas músicas brasileiras. A variedade de temas e de focos sobre eles possibilita o educador incluir com certa facilidade as músicas em seus planos de aula. O perigo se encontra em ocorrer uma inversão do objetivo de seu uso: ao invés de o professor aproximar os alunos da análise sociológica, acabar distanciando-os, conduzindo-os rumo a uma análise de senso comum, ou ainda sob perspectivas de outras ciências, tais como a História, a Geografia e a Filosofia, não que a Sociologia não possa dialogar com tais saberes, mas deve diferenciar-se por meio de seu método.” (p.14)

Então, após ter feito a investigação para possuir uma lista de músicas do gosto dos estudantes, o passo adiante seria encaixá-las em conceitos e categorias frequentemente

⁴ PNLD é a sigla para Plano Nacional do Livro Didático onde o Governo Federal, através de um programa de amplitude nacional distribui e avalia livros didáticos pedagógicos e literários. Instituído oficialmente em 1985, o PNLD começa a avaliar e distribuir os livros de Sociologia de forma gratuita para professores e alunos do ensino médio a partir de 2009, ano seguinte da reinserção da Sociologia no ensino médio.

identificadas com a Sociologia. Como parâmetro para definir estas questões, eu me amparei nas obras “Conceitos e categorias do ensino de Sociologia, v.1” (2021) e “Conceitos e categorias do ensino de Sociologia, v.2” (2021), também de Cristiano Bodart, para estabelecer uma conexão entre a canção e as noções sociológicas abordadas. Segundo o autor, o objetivo dessas duas obras seria:

“...contribuir para a qualificação do ensino de Sociologia escolar e para apresentar aos iniciantes nas Ciências Sociais conceitos e categorias que integram um conjunto de teorias das áreas de Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas. Não trata-se de um compêndio ou um manual escolar, mas de uma coletânea de textos complementares às aulas. Pensada para ser usada prioritariamente por docentes de Sociologia, a coleção visa ser um apoio pedagógico que se soma ao livro didático e aos demais recursos.” (BODART, p.16)

Essas obras tiveram efeito norteador no sentido de esclarecer as divisões entre as áreas do ensino em Ciências Sociais, pois quando o gosto musical dos estudantes ia se revelando através das canções era necessário mapear onde o conhecimento sociológico praticado em sala-de-aula poderia tocar aquela música de forma que ela se transformasse em aula.

Compartilhei da mesma angústia do autor em fugir da proposta e acabar desembocando em outra área do conhecimento como História ou Filosofia, um erro bastante passível de ocorrer tendo em vista que estas áreas dialogam bastante. Outro receio que também tive durante a escrita da cartilha foi forçar demais a aproximação entre a canção e a Sociologia, nem sempre eu encontrava o fio condutor que poderia transformar aquela música em uma aula de Sociologia, foi um desafio criativo e por vezes não acontecia de que eu encontrasse essa relação. E essa dificuldade também vai de encontro às reflexões de Bodart quando ele chama a atenção para a importância da contextualização da letra da canção para que sua análise rompa com as percepções mais imediatas. Para o autor:

“Bourdieu apontou que a principal finalidade da Sociologia seria suprir o estado de inocência que faz com que tomemos um dado socialmente construído como natural e eterno. As músicas devem ser analisadas de forma a compreender as questões que as envolvem, tendo-as como uma construção da vida social, sendo históricas e relacionadas às condições materiais”. (BODART, 2012, p. 17).

Alinhado com a vontade de proporcionar uma interação maior entre os estudantes e o professor, no instante da escrita a estrutura do texto recebeu um ajuste para deixar mais claro a proposta de alteridade e todos os capítulos da cartilha estão alinhados a uma corrente pedagógica chamada “pedagogia histórico-crítica”, vertente de pensamento educacional sistematizada por Demerval Saviani (2011), que leva em conta a relação dialética do ensino-aprendizado onde o docente busca conhecer a realidade social que o discente está inserido e este contribui de forma ativa no processo de aprendizado. Este é um movimento que vai se construindo através do envolvimento e da responsabilidade de ambas as partes. Citando Gasparin (2009) acerca da

pedagogia histórico-crítica:

“O ponto de partida do novo método não será a escola, nem a sala de aula, mas a realidade social mais ampla. A leitura crítica dessa realidade torna possível apontar um novo pensar e agir pedagógicos. Deste enfoque, defende-se o caminhar da realidade social como um todo, para a especificidade teórica da sala de aula e desta para a tonalidade social novamente, tornando possível um rico processo dialético de trabalho pedagógico”. (GASPARIN, 2009, p. 03)

Então, a prática pedagógica realizada pelo movimento histórico-crítico ocorre em cinco etapas. A saber: a primeira é o reconhecimento da realidade social do estudante para em seguida problematizar esta condição em que o aluno está inserido; o terceiro passo é a instrumentalização onde o professor se utiliza do arcabouço teórico e prático para transmitir os conceitos necessários para o aluno fazer a reflexão acerca da sua própria realidade, e a isso se chama de catarse; que é o quarto passo. Por último temos a prática social final que é quando o estudante manifesta o que aprendeu através de uma mudança de atitude. As etapas do método histórico-crítico valorizam a experiência do estudante num esforço de engajá-lo no processo educacional. Ainda sobre esta pedagogia pensada pelo filósofo e pedagogo brasileiro:

“A Pedagogia Histórico-Crítica é uma prática pedagógica que visa trabalhar o saber sistematizado transformando-o em saber significativo de modo que, no processo de transmissão e assimilação, o aluno seja capaz de realizar conexões relevantes entre as diversas disciplinas e a realidade contextual à qual ele faz parte, entendendo o conhecimento como historicamente elaborado.” (pg. 72)

Estes cinco passos estiveram presentes dentro da construção do material didático e orientaram os capítulos das aulas propostas na cartilha. Todas as aulas foram estruturadas dentro da pedagogia histórico-crítica porque ela proporciona a práxis, que é esse instrumento que auxilia o docente na construção dos conteúdos, em um movimento que submete a teoria às experiências e vivências dos estudantes no mundo prático, transformando os tópicos das aulas em matéria passível de maior entrosamento entre os agentes do processo.

O próximo capítulo será dedicado ao desenvolvimento da pesquisa, é nesse momento que demonstrei os resultados da observação participante, metodologia escolhida para investigar o campo, que foi a Escola Estadual de Ensino Profissional Francisco das Chagas Vasconcelos, na cidade de Santana do Acaraú, cidade localizada a 234 quilômetros da capital Fortaleza. No desenvolvimento da pesquisa adentrei mais profundamente no gosto dos estudantes, descrevendo como foram esses momentos em que estive com eles na pesquisa e me amparei nas reflexões de Bourdieu e Theodor Adorno para aprofundar melhor as questões centrais desta pesquisa.

4. DESENVOLVIMENTO

Como já explicitado no Capítulo 2, referente às questões metodológicas, meu campo de pesquisa foi na Escola Estadual de Ensino Profissional Francisco das Chagas Vasconcelos, na cidade de Santana do Acaraú. Durante os dois anos em que fui professor de Sociologia desta instituição de ensino, fiz alguns rascunhos e anotações obtidas através de observações participantes ao longo do período em que exerci a docência neste ambiente. Os meus esboços tinham como foco o gosto musical daqueles estudantes e eu fazia essa análise nos horários de intervalo, em que eles estavam mais à vontade para escutar o que lhes apetecesse.

Assim que cheguei na escola, em fevereiro de 2017, as observações não iniciaram imediatamente. Como professor novato, demorei cerca de três meses para me adaptar completamente à rotina e as minhas incursões aos espaços onde os estudantes faziam audição de suas canções começaram em maio daquele ano. Os primeiros rabiscos das observações em minha agenda sobre o gosto musical deles começaram a surgir de forma bastante pontual e espaçada, às vezes um pequeno comentário rascunhado no canto da agenda ou pouco mais que isso.

Graças ao recurso das redes sociais alguns alunos descobriram que eu sou músico amador e com minhas idas mais frequentes ao pátio sempre surgia um violão, com ele vários pedidos para que eu tocasse alguma canção e aqui começam os descompassos que aprofundaram as minhas reflexões. No meu repertório eu executava músicas do Legião Urbana ou do Paralamas do Sucesso, grupos de rock nacional que iniciaram suas trajetórias no início dos anos 80, o que acabava expondo minhas referências de quem viveu a adolescência nos anos 90 e ainda tem a impressão de que essas bandas soam como novidade. Recentemente, no mês de Junho de 2021, houve uma polêmica na internet acerca de um termo utilizado que é a palavra “cringe”. A tradução dessa palavra inglesa, que é uma gíria, seria algo parecido com “algo vergonhoso” e é usado quando alguém faz algo ultrapassado, ou fora de moda. Quando eu tocava essas músicas do repertório que eu considerava “jovem”, hoje percebo que para eles eu soava “cringe”.

Assim que eu soltava o violão, outros estudantes com habilidades musicais também gostavam de mostrar seus dotes e em minhas anotações e memória, a música sertaneja, sobretudo o estilo sertanejo universitário era o que eles mais apreciavam. Tanto em 2017 quanto em 2018, durante o período das minhas observações, o sertanejo universitário foi bastante executado nas mídias (rádio, televisão e internet). As duplas Maiara e Maraisa, Jorge e Mateus, Henrique e Juliano, Simone e Simaria, além de Gustavo Lima são alguns exemplos de artistas do segmento sertanejo universitário que estiveram presentes nas rodinhas de violão que alguns

estudantes faziam, sobretudo no intervalo entre o almoço e o início do turno da tarde.

A música sertaneja é um estilo popular que teve sua origem devido aos desbravamentos no interior do país, surgindo através do que se chama de cultura caipira, nome que se dá àquele que vive no campo. Com sua origem datando por volta de 1910, esse estilo tem como característica predominante o som da viola e o formato em dupla dos cantores, porém, com o processo de urbanização do Brasil, o sertanejo vai mudando o seu formato. O Doutor em Antropologia Social Allan de Paula Oliveira retrata esse processo de transformação em sua obra “Miliguim foi pra cidade ser cantor: uma antropologia da música sertaneja” (2012) e lá ele destaca:

“De fato, entre o sertanejo-pop, anos 90, de Zezé di Camargo e Luciano e as canções tradicionais cantadas por Tonico e Tinoco nos anos 40, mudou muita coisa: instrumentação, forma de interpretar, recursos de performance, temática das letras, estrutura das canções. Porém, o canto em duplas permaneceu.” (p.18)

Na década de 90, a indústria fonográfica trouxe à tona uma leva de duplas sertanejas, porém com uma roupagem mais moderna, com muita influência do rock e do pop. Instrumentalmente, as guitarras ganharam destaque, a dupla de cantores passou a ser acompanhada por teclado, bateria e contrabaixo elétrico. O figurino adotou também contou com inovações como jaquetas de couro que são mais associadas ao rock, e cortes de cabelo repicado ou mullet, que era bem ousado para a época. Essas mudanças provocaram uma reação de setores mais conservadores dos amantes do estilo, que atribuíam esses novos sinais a um rompimento com a tradição da cultura. O sertanejo universitário, que é mais uma subdivisão desse gênero, é um aprofundamento dessas mudanças iniciadas na década de 90 e ganhou este título de universitário porque o público que consome estas músicas estão dentro de uma faixa etária que coincide com o ingresso em uma Universidade, ou seja, dos 17 aos 30 anos.

Essa minha incursão às rodinhas de violão dos estudantes foi o que levou à inclusão da música “Vidinha de balada”(2017), de Henrique e Juliano, na construção da cartilha. Esta canção ganhou repercussão nacional de forma mais expressiva, sobretudo pela polêmica que ela causou acerca da sua letra que relata uma situação de assédio. Todavia, ela era executada pelos meios de comunicação como se aquela inconveniência fosse algo normal e até desejado. Eu percebia que os alunos cantavam, mas não faziam uma análise crítica de que aquela música estava banalizando um tipo de violência de gênero contra a mulher, portanto achei pertinente levar essa discussão para sala-de-aula em um movimento de desnaturalização deste fenômeno social.

A discussão acerca do assédio nas letras de música também já tinha sido feita anteriormente em outros estilos musicais, como o forró eletrônico, por exemplo. A música, por

ser um dado da cultura, reflete as ações dos indivíduos em sociedade, os seus costumes e tradições. O Brasil é um país de cultura machista e que tem altos níveis de violência contra a mulher, sendo assim a música acaba por refletir isso também, esse machismo de forma naturalizada. Cito aqui o trabalho de etnomusicologia de Aline Brilhante, Marilyn Nations e Ana Catrib intitulado “Taca cachaça que ela libera: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil” (2018), que faz uma análise de três letras de forró eletrônico, das bandas Aviões do forró e Saia Rodada e o impacto dessas canções junto aos jovens de uma escola no bairro do Bom Jardim, em Fortaleza/CE. Trabalhos como esse me fizeram pensar no papel da Sociologia no Ensino Médio em adentrar esse território e permitir a discussão desse tema nas instituições de ensino.

Ainda sobre as turmas das rodinhas de violão, outra canção que sempre estava presente e que foi executada incessantemente durante esses dois anos de pesquisa na escola foi a música “Trem-bala”, da paranaense Ana Vilela. A música tem uma sonoridade folk e transmite uma mensagem, tentando alertar para o fato que a vida passa rápido, mas que é preciso aproveitá-la. Eu não tinha a intenção de incluí-la entre as canções que iriam para a cartilha pelo fato de não ter conseguido fazer uma conexão imediata da música com questões sociológicas, porém, com o tempo eu fui percebendo o oposto. O fato de estar ministrando aula em uma escola profissionalizante, que tem uma postura marcante voltada para a questão produtivista, era o contrário daquilo que a música estava transmitindo, e isso poderia ser um importante recurso didático de reflexão sobre como as instituições nos disciplinam para estarmos ativos e servindo ao ciclo de produção capitalista. Para adensar esta análise eu utilizei os aportes teóricos do francês Michel Foucault e do sul-coreano Byung Chul-Hein. A escolha do escritor francófono tem relação com suas obras que evidenciam as formas de poder e a subjetificação na sociedade, sua maneira de estudar as instituições e os mecanismos de controle social influenciaram várias áreas do conhecimento, como História e Sociologia. Ainda sobre este capítulo da música Trem-bala, o filósofo coreano Byung Chul-Hein e a sua obra Sociedade do cansaço (2017) nos proporciona uma abordagem sobre o conceito de positividade tóxica.

Para além das rodinhas de violão, onde os jovens que lá participavam em sua maioria tinham algum tipo de habilidade com o instrumento, ou alguma técnica de canto, essa pesquisa ficaria incompleta se eu não falasse sobre a turma da caixa-de-som. Era um grupo de alunos que requisitavam a caixa amplificadora móvel da escola, durante o período dos intervalos, para colocar suas músicas. O número de jovens variava bastante, em uma média de vinte alunos, devidamente munidos de seus armazenadores de arquivos digitais (pendrives), para tocar a sua lista de músicas favoritas em formato de mp3. Enquanto isso, alguns aproveitavam para dançar

e interagir, sempre conversando e rindo alto, numa imensa galhardia. Em um estudo que também tinha como foco o gosto musical dos alunos, o Doutor em Educação Lucas Seren abordou a importância do mp3 como uma nova tecnologia que introduziu uma nova dinâmica na socialização entre os jovens. Em “Gosto, música e juventude” (2011), ele explora:

“Essa nova tecnologia, tão sonhada pelo grupo de especialistas, capaz de promover a alta compressão de arquivos, conseguiu facilitar o trânsito da música, primeiramente pela internet. Atualmente, com esse arquivo comprimido, torna-se possível o envio, a troca e a cópia de arquivo de música pela rede. A internet que permitia até então a comunicação instantânea, o acesso às notícias do mundo todo e transações financeiras, dentre outras facilidades, contornou definitivamente seus meios de atração ao permitir o acesso às músicas de todo o mundo.”(p. 90)

Com a facilidade ao acesso e o transporte das músicas, a cultura jovem se reorganizou em um reforço do consumismo, inclusive na descoletivização da escuta, quando esses mesmos jovens utilizam aparelhos que reproduzem mp3 com fones de ouvido, todavia, minha pesquisa não conseguiu coletar as manifestações individuais das escutas, o que ficou mais ressaltado nesta pesquisa foram os jovens que coletivizaram seus gostos e interagiram entre si.

Foi através dos estudantes que compartilharam seus mp3 por meio da caixa amplificadora da escola que eu fiquei atento ao trabalho da cantora carioca Larissa de Macedo Machado, mais conhecida como Anitta. Difusora de um gênero musical conhecido como funk carioca, este estilo musical é uma variação do funk americano, que teve sua origem na década de 70 e foi propagado pelo cantor e dançarino James Brown. À partir dos anos 80, o funk americano vai sofrer alterações e no Brasil e a Anitta é uma das representantes dessa vertente que se instalou principalmente nas comunidades do Rio de Janeiro, ganhando a alcunha de funk carioca ou baile de favela. A cantora Anitta já vinha tendo uma repercussão nacional desde 2012, com a música “Show das poderosas”, mas em 2017, com a música “Bang” a sua carreira ganhou status internacional e o funk carioca passou a ter uma visibilidade maior nas mídias. Esse fenômeno não passou despercebido pelos estudantes, sobretudo por este grupo que se reunia em torno da caixa amplificadora para escutar seus arquivos digitais, a Anitta sempre estava presente entre suas faixas de mp3, por esse motivo é que esta cantora de funk carioca ganhou um capítulo na cartilha. Através do mapeamento de possíveis temas da Sociologia da qual eu pudesse abordar suas canções, eu decidi falar sobre globalização e o conceito de “glocal”, dando destaque à sua carreira internacional e a capacidade que ela teve de fazer um intercâmbio entre a cultura local e misturando com a cultura global, gerando assim um terceiro produto. O antropólogo argentino Néstor Canclini vai nos auxiliar no entendimento sobre este termo por meio de sua obra “Culturas Híbridas: Estratégias para sair e entrar da modernidade” (?), onde os impactos causados pela globalização, sobretudo pelo choque entre cultura popular e cultura de massa,

podem ser estudados e compreendidos como possíveis saídas para o impasse criado pelos conflitos gestados na era globalizada.

Ainda sobre os alunos do grupo da caixa-de-som, outro artista que se destacou no ano de 2017 e que fez parte da playlist de boa parte dos estudantes foi a cantora e Drag Queen Pabllo Vittar. No ano de 2017, as canções mais difundidas e ouvidas foram K.O. e Corpo Sensual, do disco “Vai passar mal”, lançado em Janeiro daquele ano. A cantora Pabllo está enquadrada em um gênero musical conhecido como Pop, com elementos de tecnobrega, trap e dance. Para além do iminente sucesso nacional da cantora, que em 2019 já havia alcançado o número de 80 mil cópias vendidas, ainda há a questão da sua sexualidade que desperta polêmica em uma sociedade conservadora como a brasileira. Uma coisa que me chamou atenção durante as observações foi a questão da representatividade, Pabllo Vittar era presença constante na playlist de mp3 dos estudantes LGBTTTQIA+, que viam nele uma inspiração e referência de alguém como eles que conquistou um espaço de destaque na mídia, que não seja de uma forma trágica. Para entender esta questão é importante atentar que o Brasil é o país que matou mais transexuais no mundo, no ano de 2020, portanto quando se faz uma alusão aos trans no Brasil, é quase sempre de uma notícia violenta.

E por último um fenômeno musical que em 2017 teve uma adesão entre os jovens de forma súbita, que é o estilo K-Pop. Esta é uma sigla para a abreviação do termo *Korean Pop*, onde elementos da música tradicional coreana são misturados a música pop típica da cultura ocidental, gerando assim um estilo musical híbrido que, com o advento da internet, sobretudo das redes sociais, ganhou uma prospecção global. Justamente devido à sua expansão ter uma relação com o mundo digital que esse gênero musical costumava a ficar mais presente nas playlists dos jovens que ficavam mais conectados, muitas vezes utilizando fones de ouvido, fazendo uma escuta individualizada. Lucas Seren vai chamar este fenômeno de descoletivização do escutar:

“O loteamento do espaço sonoro é um fato notável. Ela é imposta como um pano de fundo para toda a coletividade. Entretanto, o aparelho mp3, nos critérios de suas especificidades, parece corroborar esse processo no âmbito individual: loteia-se o espaço sonoro singularmente. E a escola, local por excelência da integração dos jovens, passa a ser invadida pela música (ouvida agora individualmente e não coletivamente), durante um de seus momentos de convivência mais importante: o intervalo.” (2011, p.91)

O fato é que os grupos de K-Pop se apresentam em um formato já bastante consolidado no ocidente costumeiramente chamado de Boy Bands, ou seja, são grupos vocais que performam com coreografias. Já havia grupos assim na Coreia do Sul, na década de 90, entretanto, grupos como BTS (Bangtan Boys) superaram a popularidade de conjuntos

anteriores, sobretudo a partir do ano de 2016, com o lançamento do seu segundo disco.

O que mais me chamou a atenção foi que essa configuração do estilo boy band remete à grupos dos anos 80 como New kids on the blocks, Menudos e nos anos 90 temos N'Sync e Backstreet boys dentro da mesma proposta. Essas cópias de formato me pareceu uma oportunidade ímpar para discutir a questão da Indústria Cultural, termo esse cunhado por Theodor Adorno e que indicava a apropriação da cultura pelo sistema capitalista e sua transformação em mercadoria. No caso das boy bands como o BTS são um produto padronizado com o intuito de vender a arte criada por eles, ou seja, um momento didático para refletir como o sistema econômico interfere no fazer artístico.

No universo musical daqueles intervalos entre as aulas, havia uma diversidade muito maior de canções que estavam passíveis de serem citadas e analisadas, todavia, como o objetivo desta pesquisa foi transformar em uma cartilha com aulas de Sociologia, as músicas que se ajustaram melhor para se converterem em conteúdo foram estas cinco que eu descrevi e fiz considerações acima. O que vem a seguir é uma reflexão mais aprofundada sobre essas músicas escolhidas que faziam parte do cotidiano auditivo dos estudantes. Com amparo intelectual do francês Pierre Bourdieu e do Theodor Adorno, no próximo tópico aprofundi a influência da Indústria Cultural no gosto dos estudantes e o que esses autores podem esclarecer sobre esta questão.

4.1. O gosto musical dos estudantes e a Indústria cultural.

Falar sobre os gostos dos estudantes sempre me pareceu uma questão muito delicada, sobretudo por uma luta interna insistente de não cair no lugar comum de fazer um julgamento cheio de preconceito acerca do que eles escutam. Eu já entrei nesta investigação com essa postura, e ela se mostrou ser uma reação ao juízo que outros colegas de profissão fizeram com relação às músicas que os estudantes curtem, pré noções essas que beiravam a soberba pois os professores se colocavam sempre numa posição de superioridade perante os alunos, não existia uma tentativa de estabelecer um diálogo. Essa barreira acerca da minha indisposição em não falar do gosto musical dos estudantes começou a ser desconstruída a partir da leitura das análises do filósofo francês Pierre Bourdieu, em que ele desafia essa ideia de que gosto não se discute e vai chegar a uma conclusão oposta. Em suas próprias palavras: “Contra a ideologia carismática segundo a qual os gostos, em matéria de cultura legítima, são considerados um dom da natureza, a observação científica mostra que as necessidades culturais são um produto da educação. (p.09)

Em sua obra “ Distinção: uma crítica social do julgamento do gosto” (1979), Bourdieu fez uma investigação da qual percebeu que o gosto é uma construção social, através dele pode-

se discernir e categorizar os indivíduos pela maneira como esses experimentam os bens culturais (um quadro, uma peça de teatro ou uma música, por exemplo). Essa distinção afasta ou aproxima os indivíduos em uma sociedade desigual e fragmentada como as sociedades capitalistas, é um marcador social que vai atrair ou repelir, dependendo das afinidades dos indivíduos.

Todavia, a forma como as pessoas apreciam esses bens culturais sofre influência de um capital cultural adquirido em instituições como a escola e a família. De forma resumida, a teoria do francês Pierre Bourdieu nos revela que somos educados a gostar e, dependendo da classe social que a sua família pertence, e onde você foi educado (escola, igreja ou universidade), dá para se ter uma ideia do seu gosto, porque o indivíduo aprende a gostar das coisas levando em conta as referências que teve durante o seu processo de aprendizado, ou seja, um acúmulo de capital cultural. .

Essa reflexão de Bourdieu acerca do gosto acabou por me fazer considerações sobre a postura de alguns professores da Escola Francisco das Chagas que se utilizam do seu lugar como docente, ou seja, um lugar de dominação, para fazer julgamentos e se distinguir dos estudantes, numa relação que estabelece uma hierarquia acerca do consumo de bens culturais. É a dicotomia entre doutos e mundanos por onde a questão do gosto é a fronteira divisória daquele que se supõe iluminado pelo conhecimento, daqueles que são alunos (do grego: sem luz). Sobre esse mecanismo de diferenciação, Bourdieu cita:

“Os gostos (ou seja as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável. Não é por acaso que ao serem obrigados a justificarem-se, eles afirmam-se de maneira totalmente negativa, pela recusa oposta a outros gostos: em matéria de gosto, mais do que em qualquer outro aspecto, toda determinação é negação, e, sem dúvida, os gostos são antes de tudo aversão, feitas de horror e intolerância visceral (dá ânsia de vômito), aos outros gostos, aos outros gostos dos outros.” (p.56)

O fato da escola estar localizada em uma pequena cidade pobre da zona noroeste do Estado do Ceará implica que o contato diário que esses jovens têm com a música, muitas vezes, vem das rádios e da televisão. Com isso, os ritmos musicais mais difundidos por esses meios são forró eletrônico, sertanejo universitário e música pop, o que consequentemente acaba sendo os gêneros musicais mais acessados por esses jovens devido a facilidade com que esses meios de comunicação são acessados nas camadas populares. Em pesquisa sobre a condição do acesso dos estudantes às redes sociais, uma turma de finanças chegou a ter até 95% dos alunos com acesso à internet. Nos piores casos, como no caso das turmas de agroindústria, esse número chegou a 30%. Na média, o caso ficou acima de 50%, ou seja, mais da metade dos alunos da escola tem algum tipo de acesso à internet e às redes sociais, o que implica em uma

disseminação efetiva desses ritmos populares

Na leitura do filósofo da Escola de Frankfurt Theodor Adorno (1996) essa difusão massificada de certos estilos musicais se deve ao que ele chamou de Indústria Cultural. Em seus estudos sobre o rádio, na década de 30, dirigido pelo sociólogo Paul Lazarsfeld, ele percebeu que assim como a produção industrial padronizou e massificou a vida material do homem moderno, essa padronização também ocorreu no campo cultural onde a diversidade foi substituída por modelos similares. Segundo o próprio Adorno, ainda em “Sobre o caráter fetichista na música e a regressão da audição” (2020), a consequência disso seria um empobrecimento cultural em escala mundial, pois com o advento da expansão dos meios de comunicação eletrônicos para os lugares mais longínquos, a massificação iria ocorrer de maneira acelerada. Sendo assim, nas palavras do próprio Adorno:

“[...] deve-se dizer que a época áurea do gosto irrompeu num momento em que não há mais gosto algum [...]”; somos seduzidos pela indústria cultural que, quando não se antecipa habilmente na tentativa de entender a demanda (o mercado) para produzir e vender suas mercadorias, ela mesmo cria a própria necessidade, e oferece o produto para saciá-la. Enfim, “[...] o próprio conceito de gosto está ultrapassado” (ADORNO, 1996, p. 65).

Dentro da perspectiva crítica de Adorno, as manifestações artísticas se transformaram em entretenimento, juntamente com a sua massificação causada pela expansão dos meios de comunicação, tem como resultado prático o anestesiamiento da classe trabalhadora que, em momentos de descanso, busca uma forma de distração e recorrem frequentemente à arte e cultura. O que Adorno observou em seus estudos é que as músicas passam a ser um instrumento de alienação das massas à sua própria condição, ou seja, elas não são utilizadas para despertar aquele que a aprecia no sentido crítico, de perceber a sua própria condição em meio ao todo, como trabalhador explorado. Adorno vai separar assim a música em “séria” e música “leve”, a classificada como séria era a música clássica, que exigia do ouvinte uma profundidade maior. Já a música que tocava nas rádios da época, anos 30/40, na maioria das vezes era jazz, o autor considerava alienante porque servia inteiramente ao entretenimento, ele chamava de música “leve” por não levar à reflexão no momento da sua imediata execução. Pensando acerca dessa perspectiva de Adorno, que pensa no jazz como música “leve” e levando em conta que ele entendia que com a expansão da Indústria da cultura, o estado de alienação do trabalhador também seria cada vez maior, acelerando o processo regressivo na música onde ela seria cada vez mais alienante e apartada da dimensão social em que os ouvintes estão imersos, ou seja, música para puro entretenimento, para sentir e não para refletir.

Dentro dessa postura adorniana, sem dúvidas com o seu pessimismo filosófico que lhe

era atribuído, iria observar as músicas que os jovens escutam hoje por meio das rádios, da televisão e das plataformas digitais, e iria comprovar que a sua teoria crítica estava completamente correta. Em apresentação à edição brasileira de “Indústria Cultural” (2020), Rodrigo Duarte aborda essa relação que Adorno explicita acerca da decadência na educação da escuta:

“Adorno parte do princípio que a consciência das grandes massas de ouvintes é adequada à música fetichizada, apontando uma perfeita correlação entre os aspectos objetivos e subjetivos: a regressão da audição significa a incapacidade crescente do grande público para avaliar aquilo que é oferecido à seus ouvidos pelos monopólios culturais.” (p.16)

Uma das decisões metodológicas tomadas nessa pesquisa foi investigar o gosto dos estudantes durante o intervalo, que é justamente esse momento onde eles buscam se “desligar” das obrigações e buscam a música como forma de entretenimento, um momento de escape. Segundo o próprio Adorno, é exatamente nesse momento em que a Indústria Cultural vende a arte como mercadoria e transforma o estudante em consumidor. Um dos resultados possíveis com a construção da cartilha é uma reflexão dos estudantes acerca do que eles estão consumindo e sobretudo fazê-los perceber esta dimensão da arte como instrumento do capital. Isso rompe em algum nível com o ato do consumo compulsivo e constrói um aluno com uma perspectiva mais crítica em relação às suas escutas do cotidiano.

A pesquisa que aqui se apresenta está também afinada com a perspectiva do filósofo francês Pierre Bourdieu (2007), tendo em vista que ao longo de sua carreira acadêmica elaborou teorias e conceitos acerca do gosto e sua relação com as classes sociais, lançando um olhar mais voltado para quem consome os bens fabricados pela indústria cultural e a interação entre estes elementos. O sociólogo Lucas Seren, que também fez essa escolha pela via bourdieusiana em seu livro “Gosto, música e juventude” (2011) no intuito de pensar o consumo musical entre jovens de escola pública. Lá ele destaca:

Apreendemos aqui a atuação da indústria cultural como um sistema possuidor de uma dinâmica ideológica e manipuladora da técnica e da mensagem veiculada pela mídia, responsável pela transformação de bens culturais em mercadoria. Para a teoria bourdieusiana, a demanda interpretativa não repousa sobre a força e sobre o caráter manipulador do polo da produção cultural, mas sobre a perspectiva de uma interação entre consumidores e bens culturais, mediados pelo capital escolar e o capital cultural. (SEREN, 2011, p.17)

Creio que em uma visão simplória, podemos afirmar que não é apenas olhar o que e como as músicas afetam esses jovens, mas também perceber o que eles podem fazer com elas, como agentes que não estão apenas passivos nesse processo. O recurso didático criado aqui oferece ferramentas para que esse consumo da arte seja repensado e que eles possam se

apropriar desse conhecimento sociológico com o objetivo de não serem meros espectadores.

No capítulo a seguir apresentei o resultado dessa pesquisa junto aos estudantes da Escola Francisco das Chagas, em forma de cartilha desenvolvi as ideias no intuito de contribuir com a caminhada diária dos docentes em sala-de-aula e busquei construir mais uma ferramenta para o fortalecimento da interação com esses jovens, com um material que foi colhido em uma experiência junto com eles. Sem mais delongas, compartilho com vocês esse processo que me foi tão rico em aprendizado e espero que também seja para quem tiver a disposição de lê-lo.



MÚSICA E SOCIOLOGIA

STENIO
NOG
2021

Apresentação

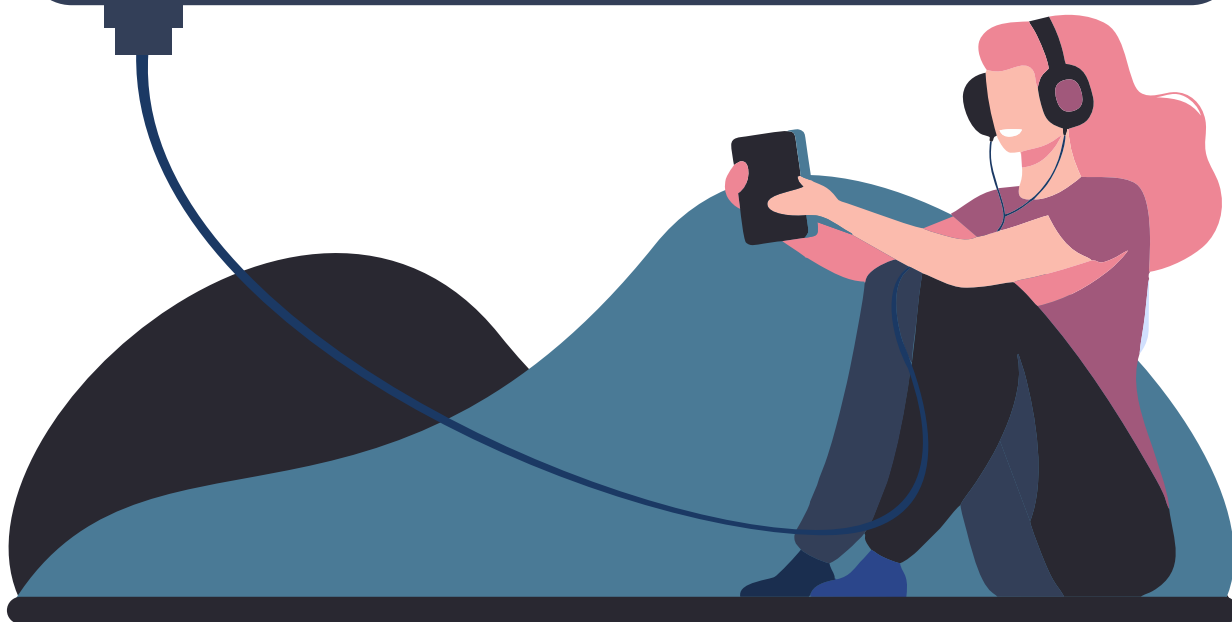
Caro professor, o material didático que aqui se apresenta em forma de cartilha tem como objetivo auxiliar o trabalho do docente, com foco especial na relação entre música e Sociologia, visando uma melhor interação e compreensão entre os estudantes acerca dos conceitos sociológicos abordados em sala-de-aula. Nas páginas a seguir serão apresentadas sugestões de conteúdos para o enriquecimento das aulas, tendo a música como recurso didático no amparo do exercício educativo.

Esta cartilha foi desenvolvida à partir de pesquisas, durante minhas experiências na docência, nos anos letivos de 2017 e 2018, na Escola Estadual de Ensino Profissional Francisco das Chagas, na cidade de Santana do Acaraú/CE, onde fiz o esforço no sentido de captar o gosto musical dos estudantes. O material tem cinco capítulos e cada um deles aborda um tema sociológico à partir de uma canção de interesse dos estudantes, levando em conta as suas escutas no cotidiano. Assim teremos o sertanejo universitário de Henrique e Juliano servindo de matéria para a discussão das lutas do feminismo, no primeiro capítulo. A balada folk da compositora e cantora Ana Vilela para discutir a questão da positividade tóxica e a sociedade do cansaço, conceito pensado pelo sul-coreano Byung Chul-Han, no segundo capítulo. A terceira parte dessa cartilha será dedicada à questão da identidade e sexualidade, fizemos uma associação entre o polonês Zygmunt Bauman e a cantora trans Pablio Vittar. No quarto capítulo abordaremos o funk carioca da Anitta e a questão da Globalização e por último discutiremos o fenômeno musical K-Pop, através da banda BTS, para debater acerca do conceito da Indústria Cultural.

A experiência vivida neste trabalho abre horizontes para que a metodologia aplicada também possa servir de inspiração a outros docentes que tenham o interesse em praticar a alteridade e se deixar tocar pelas escutas de seus próprios alunos, com o propósito de que esse exercício é a chave para a construção de aulas mais interativas.

Sumário

- ▶ **CAPÍTULO 1**
O assédio no sertanejo universitário e a questão do feminismo.
(Vidinha de balada)03
- ▶ **CAPÍTULO 2**
Discurso anti produtivta em Trem bala, de Ana Vilela08
- ▶ **CAPÍTULO 3**
O fenômeno trans Pablio Vittar e os estudos de gênero (K.O.)14
- ▶ **CAPÍTULO 4**
Anita e o conceito de Glocal, em Roland Robertson19
- ▶ **CAPÍTULO 5**
O fenômeno K-Pop e a Indústria cultural de Theodor Adorno.....25



O ASSÉDIO NAS LETRAS DE SERTANEJO UNIVERSITÁRIO E O FEMINISMO

1.1 Reconhecimento da realidade social.

A questão do assédio e da violência contra a mulher é algo presente no cotidiano do brasileiro e para percebermos como isso está presente no dia-a-dia dos estudantes, faça o exercício de perguntar para as alunas presentes se em algum momento da vida elas sofreram algum tipo de assédio. Aqui precisa ficar claro que assédio é todo ato com o objetivo de constranger ou afetar a dignidade de alguém. Na prática pode ser uma cantada grosseira em via pública, numa festa, na própria escola ou até mesmo ser importunada virtualmente, através das mídias digitais ou aplicativos. De posse dos possíveis relatos, vamos desnaturalizar e problematizar a questão do assédio e da violência contra a mulher.

1.2 Problematização

Repasse a seguinte informação aos estudantes: “Segundo o relatório das Nações Unidas, o Brasil está em 5º lugar no ranking de país com maior número de feminicídios e no ano de 2019, houve 3.739 homicídios dolosos contra mulheres, sendo 1.314 deles enquadrados como assassinato de mulheres cometido em razão específica do gênero, que é o termo técnico para feminicídio”. Com essa informação em mãos, vamos questionar os estudantes por que temos uma cultura de agressão contra as mulheres? E o que a educação tem a ver com isso? À partir daqui vamos de música.

1.3 Instrumentalização

Solicite que os alunos escutem atentamente a canção “Vidinha de Balada” (2017) da dupla de cantores tocantinenses Henrique e Juliano. Esses cantores fazem parte de um gênero musical que vem ganhando espaço na mídia desde o final dos anos 2000 que é o sertanejo universitário. Esse gênero tem esse nome com a finalidade de diferenciar uma nova leva de artistas influenciados pelos antigos cantores sertanejos e com capacidade de atingir principalmente os jovens que estão numa faixa de idade em que estão ingressando nas instituições de ensino superior, ou seja, por volta dos 18 aos 25 anos. Na canção “Vidinha de balada” eles dizem:

“Oi, tudo bem? Quem bom te ver. A gente ficou, coração gostou. Não deu pra esquecer. Desculpa a visita, eu só vim te falar: “Tô a fim de você.” E se não tiver, cê vai ter que ficar. Eu vim acabar com essa vidinha de balada. E dar outro gosto para essa sua boca de ressaca. Vai namorar comigo sim! Vai por mim, igual nós dois não tem. Se reclamar, cê vai casar também. Com comunhão de bens, seu coração é meu e o meu é seu também. (2017)”

No contexto que esta canção nos traz, o personagem principal conheceu outra pessoa em uma festa (chamada aqui pelo nome de balada) e em algum momento os dois tiveram uma relação casual e o protagonista da história acabou criando expectativa quanto ao prolongamento desse afeto que ele tinha sentido. Porém, o que se destaca na música é a forma incisiva com a qual o personagem deseja manter esse relacionamento, ele deixa claro que vai obrigar a outra pessoa a ficar com ele, isso sendo da vontade dela ou não. Esse tipo de violência se enquadra naquilo que se chama de relacionamento abusivo, existem sete modalidades de violência cometida nesse tipo de relacionamento que são: verbal, emocional, psicológica, física, sexual, financeira e tecnológica. A preocupação maior com os relacionamentos abusivos é que frequentemente eles terminam em episódios de violência doméstica, ou até mesmo feminicídio. Uma das principais formas de romper com esse ciclo de agressão é através da educação e da desnaturalização desse fenômeno.

Mas o que o feminismo tem a ver com isso? Vejamos outra letra de música, dessa vez da compositora Elza Soares, cantora negra, vinda da periferia de Vila Vintém, no Rio de Janeiro, ela canta assim, na música “Maria da Vila Matilde”:

“Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180. Vou entregar teu nome e explicar meu endereço. Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço. E jogo água fervendo se você se aventurar. Eu solto o cachorro e apontando para você eu grito “péguix xxx xxx”. Eu quero ver você pular, você correr na frente dos vizinhos. Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim. E quando o samango chegar, eu mostro o roxo no meu braço, entrego o teu baralho, teu bloco de pule, teu dado chumbado. Ponho água no bule, passo e ofereço um cafezinho. Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim. (2015)”

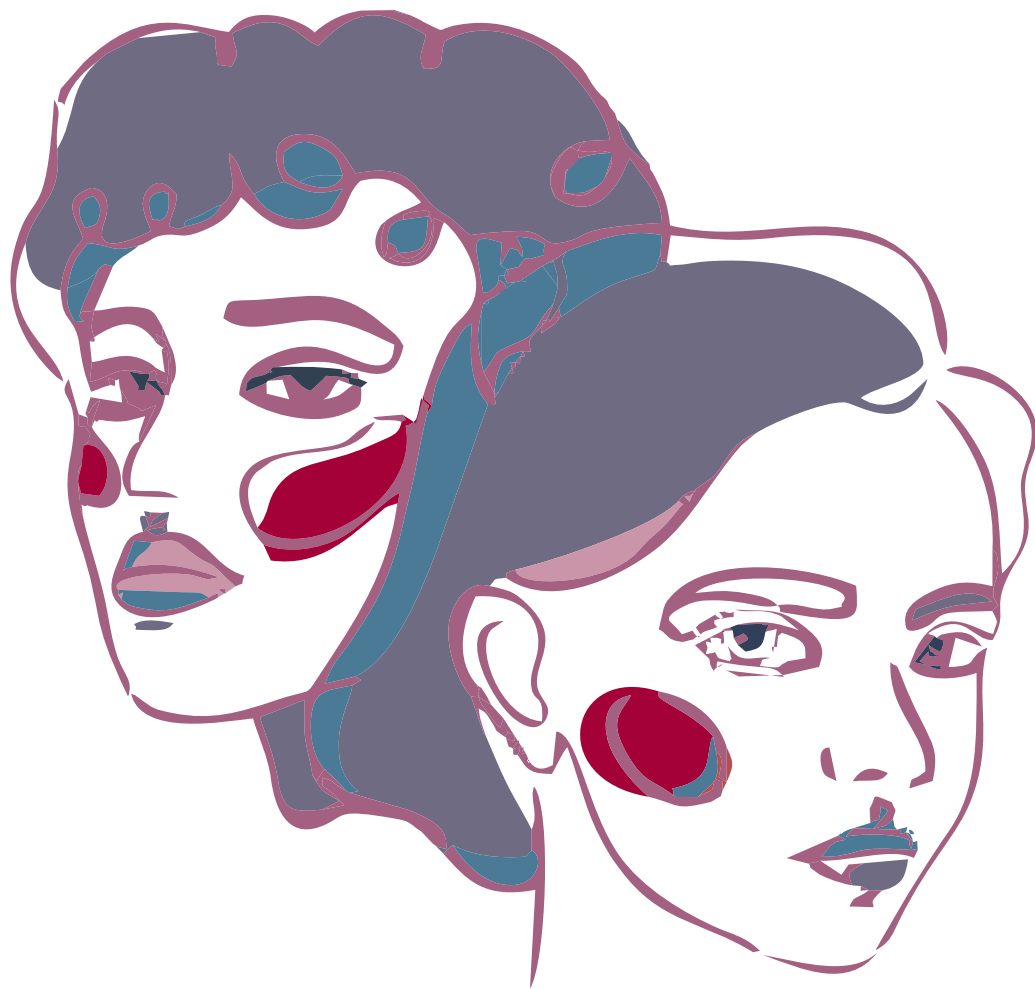
Na letra, Elza Soares diz que vai ligar 180, que é o número da Central de Atendimento à mulher e presta um serviço de escuta e acolhida às mulheres vítimas de violência. O serviço foi criado no ano de 2003 e faz parte de um avanço das causas feministas e humanitárias contra a violência doméstica.

Importante lembrar que a formação do nosso país é atravessada por um passado escravagista e o papel da mulher sempre foi de submissão e restrito aos trabalhos do lar. Com o fim da monarquia em 1889 e o início da Primeira República, a mulher continuava sem direito ao voto, antes de se casar a mulher era obrigado a pedir autorização de praticamente tudo para o seu pai, de fazer uma simples viagem até para trabalhar fora de casa, depois que se casava ela tinha que pedir aprovação do marido.

Com a chegada das primeiras fábricas no país, no início do século XX, as condições trabalhistas eram precárias e a mão-de-obra feminina foi requisitada, com isso as mulheres começaram a se organizar para exigir seus direitos trabalhistas, além do direito ao voto.

Somente em 1932, no governo de Getúlio Vargas as mulheres conseguiram votar e na década de 60 a emancipação dos maridos, sem que precisasse da autorização deles para viajar, trabalhar ou até mesmo receber herança. Dos absurdos contra a mulher em nosso código penal temos os cometimentos de crime para a lavagem da honra do cidadão de bem, quando um homem se sentia traído por sua esposa ou namorada, ou até mesmo apenas desconfiava de um possível adultério e caso este viesse a agredi-la ou causar um homicídio, ele seria absolvido porque o atentado contra a sua honra justificaria a morte da sua companheira. Esse tipo de situação estava presente em nosso código penal até 1940.

No ano de 2006, após muita luta e união de grupos feministas, foi sancionada a Lei 11.340, conhecida como Maria da Penha, que agrava os crimes de violência doméstica cometidos contra as mulheres. A autora dessa lei que leva seu nome é uma cearense que durante muitos anos foi agredida pelo seu marido e hoje se dedica ao direito de defesa da mulher tendo em vista que ainda existe muito a ser conquistado em uma sociedade como a nossa que é extremamente desigual com relação a questão de gênero.



1.4 Catarse

A proposta catártica é perguntar às alunas o que elas deixaram de fazer pelo simples fato de serem mulheres. Se um dia elas deixaram de usar uma roupa que queriam e se sentiram reprimidas, se elas gostariam de ir a um determinado lugar mais não podia porque ela era mulher, enfim, deixar livre para que elas possam se apropriar do conhecimento abordado na instrumentalização para desnaturalizar a realidade. Na sequência, perguntar aos alunos o que eles deixaram de fazer por causa do machismo, e a proposta flui na mesma direção da primeira pergunta feita para as alunas, ir rompendo com os preconceitos dentro das suas próprias vivências.

1.5 Resultado final

Como amostra de que os estudantes compreenderam a naturalização da violência contra a mulher na nossa cultura e no mundo da música, sugerimos que os alunos tragam para a sala outros exemplos de canções que tenham conteúdo machista ou de assédio. Ao treinar a audição para esse tipo de fenômeno, eles vão percebendo o quanto essas questões estão entranhadas em nosso cotidiano e que muitas vezes consentimos e nos calamos diante de certas violências e opressões.

Quem são?

Maria da Penha – A cearense Maria da Penha Maia Fernandes é fundadora de um Instituto que luta por uma sociedade livre da violência praticada contra a mulher. Sua motivação vem através da sua história de vida onde ela sofreu uma série de abusos físicos e psicológicos pelo seu marido, o que a deixou paraplégica, entretanto a sua perseverança perante a adversidade a levou a travar uma longa batalha jurídica que terminou com a sanção da Lei 11.340, no dia 7 de agosto de 2006, lei essa que recebe o seu nome e cria mecanismos para prevenir e coibir violência doméstica praticada contra as mulheres.



(Imagem reprodução: www.hypeness.com.br)



(Imagem reprodução: www.purepeople.com.br)

Henrique e Juliano – Dupla de cantores do gênero sertanejo universitário, ambos nascidos na cidade de Palmeirópolis, no interior do Estado de Tocantins. Desde muito jovens iniciaram sua carreira cantando nas rádios do município, foi quando através do bom desempenho em festivais de música da capital Palmas deram entrada ente as bandas sertanejas de destaque nacional, podendo assim, gravar seu primeiro CD acústico, no ano de 2012. Mas foi em 2017, no lançamento do seu segundo DVD, com o nome “O céu explica tudo, que a música “Vidinha de Balada” veio causar polêmica que teve grande repercussão, sobretudo, nas redes sociais.

Elza Soares – A cantora carioca Elza Soares é uma artista consagrada da Música Popular Brasileira, tendo recebido vários prêmios e reconhecimento artístico e popular pelo conjunto de sua obra, que é associada ao samba. Entretanto, a vida de Elza Gomes da Conceição é marcada também pela vida sofrida relacionada à pobreza e à violência. Moradora da periferia, com 13 anos foi obrigada a se casar e a abandonar seus estudos, um matrimônio do qual ela foi submetida à violência sexual e doméstica, viu o filho morrer de inanição. Posteriormente foi casada com o jogador de futebol Garrincha, do qual também sofreu com o alcoolismo e violência praticada por ele.



(Imagem reprodução: [Instagram/ElzaSoares](https://www.instagram.com/ElzaSoares))

Glossário musical

Sertanejo universitário - É uma vertente musical advinda da música sertaneja da década de 90. O termo universitário surgiu porque faz referência à faixa etária do público que costuma a frequentar o evento desse estilo musical, que são pessoas entre 18 e 35 anos. É importante destacar também que essa faixa etária também corresponde ao grupo de pessoas que começa a entrar para o mundo do trabalho e, portanto, adentram ao campo do consumo, indo a festas, comprando roupas, consumindo músicas e produtos ligados aos artistas do seu gosto, entre outras coisas. O Sertanejo universitário se diferencia do sertanejo dos anos 90 por uma apropriação à elementos do pop, rock e música eletrônica, seja na sonoridade ou na estética. Os violões e acordeões vão sendo somados a guitarras e sintetizadores, além de já começarem a se agregar a samplers e beats típicos da música eletrônica.

Samba - Este um gênero musical que surgiu como uma manifestação cultural de comunidades afro, derivados o processo de escravização. O lugar de sua origem ainda é ponto de disputa entre vários pesquisadores para a determinação desta informação, alguns falam no Rio de Janeiro e outros já localizam na Bahia. Sobre a data de nascimento, os historiadores pontuam sua origem entre a década de 20 e 30, através de uma mistura de outros ritmos de matrizes africanas como o maxixe e o lundu. Os instrumentos tipicamente usados nas rodas de samba, círculo de pessoas que se reúnem para cantar o samba, costuma a ser pandeiro, tamborim, cuíca, surdo, ganzá e cavaquinho.

O DISCURSO ANTI-PRODUTIVISTA DE TREM BALA, DE ANA VILELA

2.1 Reconhecimento da realidade social.

No primeiro momento lance as seguintes perguntas aos estudantes: “Você já se sentiu como se não tivesse sido produtivo mesmo após o dia inteiro realizando tarefas? Já fez várias atividades e no final do dia ter ficado com aquela sensação de não ter realizado nada de concreto? Ficou com a impressão de que 24 horas já não são o suficiente para lidar com todos os problemas que aparecem? Pois se alguma das respostas deles for sim, significa que eles estão com sintomas típicos de quem vive no que o Filósofo Byung Chul-Han chama de Sociedade do cansaço.” Mas o que seria isso? Quais as características desse tipo de sociedade? É o que veremos no próximo tópico.

1.2 Problematização

Vamos iniciar a complexificação do assunto à partir de uma propriedade distinta da sociedade do cansaço. Na leitura do filósofo sul coreano Byung Chul-Han, o nosso cotidiano está cada vez mais impregnado com o que se chama de positividade tóxica, um ambiente onde se exige continuamente desempenho e multitarefas, uma pressão para estejamos sempre ativos, criativos e inovadores. Mas o que é positividade tóxica? Reflita com os estudantes se eles já conhecem esse termo.

Uma definição possível é quando você se sente obrigado a estar sempre demonstrando otimismo, mesmo quando você percebe que isso não corresponde com a realidade. Uma característica central da positividade tóxica é a negação, diferente do sentimento de resiliência, que é resistir às adversidades de forma consciente e se adaptar a situações adversas, a positividade excessiva pode provocar adoecimento dos indivíduos porque essa condição de negação do sofrimento tem um limite. Sugira que os alunos reflitam: é possível se manter infinitamente solícito, alegre? Na perspectiva de Byung Chul-Han, a positividade também pode ser violenta e intrusiva. Como a música de Ana Vilela pode nos levar a refletir uma possível ruptura com essa positividade tóxica? É o que veremos a seguir.

1.3 Instrumentalização

Para dar sustentação a reflexão sobre o tema proposto, faça a leitura do texto a seguir para os alunos. Na sequência será feita a audição da música Trem-bala, da cantora Ana Vilela. Então, vamos de texto!

“- Se você já se sentiu culpado por não estar trabalhando em um momento de descanso merecido, provavelmente você está sentindo um sintoma cada vez mais comum do mundo contemporâneo. Possivelmente você também já ouviu a frase 'Trabalhe enquanto eles dormem', que é repetida incessantemente por coaches em palestras motivacionais. Esses dois elementos estão conectados por uma visão de mundo onde o sucesso ou o fracasso da sua vida dependem exclusivamente do seu empenho para vencer as adversidades e que se você não é um vencedor é porque você está fazendo alguma coisa errada para que isso não aconteça.

Essa perspectiva reducionista da realidade desconsidera que a sociedade contemporânea é profundamente desigual e que não partimos de uma mesma realidade objetiva, ou seja, alguns têm mais condições do que outros para atingir seu objetivo. Para aqueles que não se tornam vencedores na vida (a grande maioria) essa realidade é profundamente cansativa e frustrante porque por mais que eles tentem, sejam 100% ativos em seu trabalho, as condições às quais estão submetidos não favorece o sucesso. Para o filósofo Byung Chul-Han existe uma sensação generalizada de cansaço porque estamos nos cobrando o tempo todo para darmos o melhor, mesmo quando estamos de férias existe um sentimento de cobrança que nos persegue e que está levando ao aumento de doenças mentais como ansiedade, depressão e outras síndromes.

Outro pensador que pode nos ajudar a refletir sobre os motivos pelo qual sentimos culpa quando poderíamos estar aproveitando outros aspectos da vida que não apenas o trabalho, é o francês Michel Foucault. Em suas obras, Foucault nos mostra que as instituições têm um papel crucial na disciplinarização dos nossos corpos, desejos e anseios. Logo, a escola, a igreja, o trabalho, são espaços em que nós estamos o tempo todo sendo educados a agir de acordo com o ideal de indivíduo que aqueles que detêm o poder querem, em nossa sociedade, a elite burguesa. É crescente o número de escolas que adotam um modelo educacional onde o estudante se responsabilize pela sua trajetória, que ele seja protagonista da sua vida e essa é uma maneira de disciplinarizar o aluno a realizar escolhas e se sentir mal se a escolha não for bem sucedida, pois o sucesso ou fracasso de sua trajetória só depende dele, todavia quem decide o que é sucesso ou fracasso nunca é o próprio aluno. Em uma sociedade profundamente desigual como a sociedade capitalista, sobretudo como a sociedade brasileira, a meritocracia não funciona, pois as condições da qual os indivíduos partem para alcançar o sucesso não são as mesmas. Dentre os países com economia mais desenvolvida no mundo, o Brasil figura como país de maior desigualdade, ficando atrás apenas de países africanos como África do Sul, Zâmbia e Namíbia.

A cantora paranaense Ana Vilela traz em sua canção Trem Bala uma sutil crítica a esse modelo em que as pessoas estão o tempo todo sendo pressionadas a se transformarem em vencedoras na vida.”

Vamos fazer agora uma audição da música, com uma atenção especial para a letra.

“ Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si, é sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti. \ É sobre cantar escutar mais que a própria voz, é sobre dançar na chuva da vida que cai sobre nós. \ É sobre se sentir infinito num universo tão vasto e bonito, é sobre sonhar e então fazer valer a pena cada verso daquele poema sobre acreditar \ Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu, é sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu. É sobre ser abrigo e ter morada em outros corações e assim ter amigos contigo em todas as situações. A gente não pode ter tudo, qual seria a graça do mundo se fosse assim? Por isso eu prefiro os sorrisos e os presentes que a vida trouxe pra perto de mim. \ Não é sobre ter tudo que o seu dinheiro pode comprar, e sim sobre cada momento, sorrisos a se compartilhar. Também não é sobre correr contra o tempo para ter sempre mais, porque quando menos se espera a vida já ficou para trás. Segure teu filho no colo, sorria e abraça seus pais enquanto estão aqui, que a vida é trem bala, parceiro, e a gente é só passageiro prestes a partir. ”

Após a audição, pergunte aos alunos o que eles entenderam da canção. Esse instante tem a intenção de promover a interação entre eles, gerar a conexão entre o conceito e o tema aqui trabalhado. Após essa pequena pausa, continue com a leitura. Enquanto as nossas relações estão cada vez mais sendo pressionadas a estar em permanente estado de competição, a música sugere uma outra possibilidade de viver fora dessa lógica de permanente cobrança.

A lógica da positividade tóxica se espalha por vários setores da vida social e um dos exemplos mais claros está diretamente relacionado ao conteúdo que é postado diariamente em redes sociais como o Facebook ou Instagram. A constante necessidade que os usuários sentem de expor momentos da sua vida íntima, mas não em instantes espontâneos ou aleatórios, existe uma seleção de imagens com intenção de passar uma impressão de sucesso. Mesmo a tristeza ou luto, nas redes sociais parece ser algo controlado e idealizado, algo performatizado para dar a sensação de algo ordenado.

Dentro da mesma lógica, os músicos da banda Los Hermanos refletem sobre essa relação desgastante que é almejar uma imagem vitoriosa o tempo todo. Segue a canção Vencedor (2003), do disco Ventura.

“Olha lá, quem vem do lado oposto, vem sem gosto de viver. Olha lá, que os bravos são escravos são e salvos de sofrer. Olha lá, quem acha que perder é ser menor na vida. Olha lá, quem sempre quer vitória e perde a glória de chorar. Eu que já não quero mais ser um vencedor, levo a vida devagar pra não faltar amor. Olha você e diz que não. Vive a esconder o coração. Não faz isso, amigo, já se sabe que você só procura abrigo, mas não deixa ninguém ver. Por que será? Eu que já não sou assim muito de ganhar junto as mãos ao meu redor, faço o melhor que sou capaz só pra viver em paz.”

A sugestão é que nesse momento os estudantes escutem a canção dos Los Hermanos para promover um momento de troca sonora, em que eles possam diversificar a audição, ouvir outros artistas que não necessariamente aqueles que eles estão acostumados a fazer no seu cotidiano. A análise dessa letra nos conduz a perceber uma pessoa que perdeu o gosto da vida porque não consegue aceitar que a vida tem seus momentos de derrota também e que precisam ser valorizados, essa é uma condição da qual ninguém escapa.

No senso comum recorremos à frase: “Sem o amargo, o doce não é tão doce”. Só se pode valorizar as grandes conquistas se aprendermos a superar os fracassos. E assim percebemos os prejuízos que a positividade tóxica nos causa ao longo da vida porque no conflito diário em parecermos pessoas de sucesso, vamos ficando cada vez mais exaustos e adocidados mentalmente.

2.4 Catarse

Refleta com os alunos que o conceito de uma pessoa vencedora, de sucesso, que “chegou lá”, é um conceito padronizado e que não corresponde a uma ideia de sucesso acessível à parte da população pobre que luta pela sobrevivência todo dia. Aqui também se torna essencial explicar para eles que as doenças mentais, da qual o nosso país está vivendo uma verdadeira epidemia, se deve, em partes, por esta busca incessante em perseguir padrões cada vez mais inalcançáveis de felicidade. Já está comprovado que a síndrome do pânico, o stress, a depressão, o burnout, os transtornos de ansiedade estão diretamente ligados ao excesso de uso da internet, sobretudo das redes sociais.

Tendo em vista essa reflexão, pergunte aos estudantes, qual é o seu ideal de sucesso? Qual é o seu projeto de vida? Ele está levando em conta a sua realidade ou está estabelecendo metas e padrões que tendem a promover o adoecimento? Se você puder se imaginar no futuro, como você gostaria de estar, levando em conta as dificuldades que você enfrenta no seu cotidiano?

2.5 Resultado Final

Confronte o relato apresentado pelos estudantes acerca do que eles consideram sucesso com o conceito idealizado de pessoa bem sucedida. O objetivo do resultado final é fazer o jovem compreender que diversos fatores devem ser levados em conta quando pensamos em projetar o nosso futuro, e um dos fatores mais importante é perceber de onde viemos e quais são as nossas condições para mudar, demonstrando assim que o conceito de meritocracia não faz muito sentido quando entendemos que não partimos das mesmas condições para buscar os mesmos objetivos. Como a música de Ana Vilela quer transmitir, o mais importante é tomar consciência dessas desigualdades da qual nossa sociedade é produto e também reprodutora e precisamos criar estratégias para romper com essa condição.

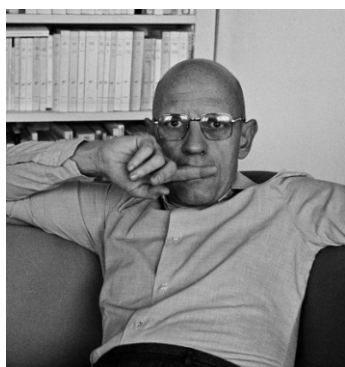


Quem são?

Byung Chul-Han – O filósofo sul-coreano, nascido em Seul, no ano de 1952, tem se destacado pela suas obras abordando questões contemporâneas como uso de celulares, transtornos psicológicos, redes sociais, dentre outros temas pertinentes na atualidade. Recorrendo à Psicanálise, Sociologia e Filosofia Existencialista para fazer os seus estudos, foi com a sua obra “A Sociedade do Cansaço” que ele ganhou popularidade abordando temas como desigualdade social, adoecimento psicológico e neoliberalismo.



(Imagem reprodução: www.brasil.elpais.com)



(Imagem reprodução: www.todoestudo.com.br)

Michel Foucault – Filósofo francês influenciado por Karl Marx, Nietzsche e Freud, nascido no final da década de 1920, sua obra intelectual tinha um foco nas relações de poder. A Biopolítica, ou seja, a influência das questões políticas sobre a vida da população, seja pelo controle de natalidade, política de acesso à saúde, ao saneamento básico, dentre outros exemplos, também foi fonte de investigação desse pensador. Tendo uma relação conflituosa com a sua homossexualidade, ele também vai indagar em sua obra “História da sexualidade” sobre os mecanismos de controle que as instituições se utilizam para manipular a sexualidade alheia. Esses escritos deveriam ter 6 volumes, todavia esses planos foram interrompidos pela morte prematura deste professor, no ano de 1984, em decorrência de complicações relacionadas à AIDS.

Ana Vilela – Essa cantora e compositora paranaense, nascida em 1998, deu seus primeiros acordes com 12 anos de idade, mas foi graças à uma postagem sua, da música autoral Trem-bala, na plataforma digital de vídeos Youtube, no ano de 2016, que as coisas mudaram para ela. Houve uma grande repercussão dessa canção, que foi reproduzida e tocada por diversos artistas, o que rendeu a ela a assinatura de contrato com a gravadora Som Livre. A cantora segue a sua carreira com uma forte influência do estilo pop e folk.



(Imagem reprodução: Youtube)



(Foto divulgação)

Los Hermanos – Banda carioca que se formou em 1997, iniciou sua carreira fazendo uma mistura inusitada de hardcore e marchinhas de carnaval. Ficou famosa por ter emplacado um hit “Ana Júlia”, que tocou exaustivamente nas rádios, nos anos 2000. De lá até os dias atuais, a banda deu uma nova roupagem à sua trajetória, misturando samba, mpb e sonoridades indie, sendo classificada hoje como uma banda de rock alternativo.

Glossário musical

Música Pop – Está definido como música Pop todo tipo de canção que segue um formato baseado em “verso – refrão – verso”. O nome pop vem da abreviação de popular em oposição ao termo música clássica. A música pop é um estilo de música mais simplificado que casou muito bem na década de 50, com a expansão do rádio e o surgimento da televisão.

Música folk – O termo folk, vem do inglês Folklore. Essa abreviação, na prática, significa uma mistura da música pop com variações regionais e tradicionais de determinado lugar. Aqui no Brasil, essa mistura pode acontecer com a música sertaneja, o forró, maracatú, vaneirão, xote, dentre outros tantos ritmos. O folk também se caracteriza pelo uso de instrumentos acústicos onde costumeiramente se utiliza apenas voz e violão.

Hardcore – É uma aceleração do Punk Rock. Surgido no final da década de 70, o Hardcore aparece como uma variação agressiva do Punk, que já tinha como característica principal uma performance mais rebelde do que o ritmo que lhe deu origem, o Rock tradicional. Assim como o Punk, o seu filho mais acelerado e raivoso Hardcore usa poucos acordes e as canções duram pouco mais de 1 minuto. As letras tendem a falar sobre problemas sociais e passam um inconformismo com a condição humana, em sua maioria são canções de contestação social, econômica e cultural.

Rock alternativo – É um gênero musical que tem como estrutura principal os elementos do rock, como uma forte presença da guitarra, todavia também recebe influência de outros estilos, como reggae, folk, dentre outros, dependendo do país que esse tipo de gênero surgir. O rock alternativo ganha força nos anos 90 e recebe outros rótulos como britpop e indie rock.. O que explica o crescimento desse estilo musical é a chegada da internet que, junto com a globalização, vai possibilitando a revelação de grupos e ritmos onde antes era improvável devido a lentidão dos fluxos de informação.

O FENÔMENO TRANS PABLO VITTAR E A IDENTIDADE DE GÊNERO

3.1 Reconhecimento da realidade social.

Neste primeiro momento, faça um convite aos estudantes para conhecer um pouco sobre o tema e a personalidade que iremos tratar neste capítulo. Esse contato é essencial para o andamento da aula.

Dito isto, leia para ele o seguinte texto: “Com talento reconhecido pela mídia especializada e inúmeros prêmios recebidos devido a carreira musical em franca ascensão, sobretudo após o hit de sucesso 'Corpo sensual', lançado em 2017, a maranhense Pablo Vittar, para além de ser uma cantora do estilo tecnobrega e pop, é também bastante lembrada pela sua identidade sexual e isso acaba gerando bastante polêmica sobre esse assunto tendo em vista que existe ainda muita confusão por parte da orientação sexual. Pablo Vittar é drag queen e ativista em prol dos direitos das pessoas LGBTQIAP+, muitas críticas feitas ao trabalho dessa artista acontecem em decorrência do preconceito que ainda está presente na sociedade.”

3.2 Problematização

Dado o reconhecimento da realidade, vamos avançar para problematizar o que foi informado no tópico anterior, dando continuidade à reflexão. Assim, siga na leitura do texto: “Essa ignorância com relação à sexualidade infelizmente acaba por se converter em uma realidade bastante trágica. O Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo e essa questão se deve sobretudo à falta de educação em relação ao tema, gerando violência e trazendo dor e angústia aos cidadãos que têm essa orientação sexual. A reação furiosa por parte de alguns grupos demonstra que ainda existe muito a ser desconstruído em busca de uma sociedade que aceite a diversidade sexual, Mas como quebrar esses tabus tão arraigados em nosso meio?”

3.3 Instrumentalização

Em seguida, sugerimos ao professor que projete o videoclipe da música K.O. da Pablo Vittar, para gerar uma reflexão acerca da música e da performance do artista. Depois da exibição do vídeo, siga com o texto: “Quando Pablo Vittar aparece no videoclipe de sua canção 'K.O.', lançada em 2017, e tanto na letra quanto na tela ele exibe de forma bastante livre a sua sexualidade, isto desperta uma reação diferente por parte de um público que naturalizou a figura de uma mulher fazendo aquele mesmo papel que Pablo faz no vídeo. Se fosse uma mulher fazendo aqueles movimentos e danças, haveria pouca ou quase nenhuma polêmica, todavia, a presença de uma transexual, alguém que exerce uma sexualidade diferente daquela que se Vittar aparece no videoclipe de sua canção 'K.O.', lançada em 2017, e tanto na letra quanto na tela ele exibe de forma bastante livre a sua sexualidade, isto desperta uma reação diferente por parte de um público que naturalizou a figura de uma mulher fazendo aquele mesmo papel que Pablo faz no vídeo. Se fosse uma mulher fazendo aqueles movimentos e danças, haveria pouca ou quase nenhuma polêmica, todavia, a presença de uma transexual, alguém que exerce uma sexualidade diferente daquela que se considera 'padrão', torna-se

motivo para críticas e muitas vezes, insultos. Esse relato faz parte de uma desmistificação do povo brasileiro, que é tido como uma imagem de povo tolerante, mas os números não deixam de revelar que a imagem é falsa, a tolerância do brasileiro com relação à orientação sexual alheia é muito pequena. Só no ano de 2017, ano de lançamento do disco e do clipe de Pablo Vittar, 179 transexuais foram assassinadas e esse número colocou o Brasil na liderança do ranking de violência contra as pessoas trans, liderança essa que se seguiu até a atual data (2021).

Geralmente, de forma bastante errática, a palavra sexualidade está envolvida com a questão biológica e reprodutiva e essa era uma visão comum que o dogma religioso cristão e os primeiros cientistas a estudar a sexualidade humana compartilhavam. Se por um lado a tradição judaico-cristã reforça em seus mitos que 'Deus criou o homem e a mulher', não dando margem para qualquer outra orientação sexual, os biólogos do século XIX e início do século XX também tinham uma visão muito próxima a esta perspectiva pois consideravam apenas a questão anatômica, o que descambava no binarismo, ideia que se transformou em hegemônica na nossa sociedade. Qualquer tipo de orientação sexual que não fosse a heterossexual seria enquadrada como anormal, fora dos padrões. Depois da Segunda Guerra Mundial, as Ciências Humanas passaram a estudar mais a sexualidade humana e perceberam que elementos culturais, sociais e políticos fazem parte da construção da sexualidade, ou seja, a diversidade cultural que é um dado humano também tem algum nível de influência na sexualidade.

Sobretudo, evitando experiências históricas no passado onde as minorias sexuais foram recriminadas e consideradas como anormais, os campos da Psicologia, Antropologia, Sociologia acrescentaram uma visão mais ampla da sexualidade e menos binária, contemplando a inclusão da diversidade sexual em um amplo espectro de orientações que vão começando a ser melhor entendidas. Por isso, a partir da década de 60 foram se fortalecendo movimentos que defendem a aceitação dessas minorias sexuais, como o movimento LGBTQIA+ que atua no combate à homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia. Apesar do avanço da causa em favor desses grupos, como a retirada da homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionado à Saúde (CID), um catálogo de doenças e transtornos organizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda tem muitas lutas em torno dessa causa a ser combatido, sobretudo no Brasil que é um país muito violento para esses grupos."

Mas como a Sociologia pode nos ajudar a aprofundar a reflexão? Aqui trazemos o autor polonês Zygmunt Bauman, que ao longo de suas obras vai abordar o conceito de Modernidade Líquida, de onde ele reflete que a sociedade moderna, até a década de 60 era composta por instituições sólidas e rígidas, inclusive em relação à sexualidade. Os conceitos de família, trabalho, escola, Estado, eram ideias onde havia pouca liberdade de mudança, pois pensar diferente do que estava estabelecido indicava uma quebra na confiança dessas instituições. À partir dos anos sessenta, sobretudo com o avanço dos movimentos das minorias sociais e da expansão da lógica capitalista, as instituições passaram a sofrer uma desconstrução de seus modelos e a sexualidade fez parte desse processo. Por isso o nome "Líquido", devido à propriedade que esse material tem de serem fluidos e se moldarem à diversas condições. Logo, o conceito de família, trabalho, Estado, dentre outras instituições também está sujeito a liquidez, ou mesmo desconstrução. No caso da sexualidade, o binarismo passou a ser visto como um conceito ultrapassado e que ela estaria sujeita à liberdade de escolha das pessoas em se identificarem de uma forma mais ampla, tendo assim várias opções que se possa usufruir da sua condição sexual.

3.4 Catarse

Desde que a televisão se transformou em um veículo de comunicação acessível à casa de muitos brasileiros, principalmente a partir da década de 80, muitos programas exibidos tinham como foco a sexualização do corpo feminino. Inserida em uma visão culturalmente machista, a exposição de corpos femininos é algo aceitável para os padrões do brasileiro mediano e em horário nobre. Pergunte aos estudantes se eles já ouviram falar no programa icônico “A banheira do Gugu”, apresentada por Augusto Liberato, aos domingos pela tarde, sem qualquer tipo de restrição, durante quase toda a década de 90. O fato de não chocar o grande público haver um programa de TV que colocava mulheres seminuas em situações vexatórias implica que isso é aceito culturalmente por uma ideia machista de que esse era um lugar da mulher. Quando Pablo Vittar se apresenta em um videoclipe de sua canção exibindo sua sexualidade, como no clipe de “K.O.”, ou de “Corpo sensual” e isso se transforma em um fato polêmico porque para a cultura brasileira aquele não é o lugar de um travesti, fica demonstrado claramente que a cultura interfere na sexualidade, reprimindo, liberando, dizendo onde deve estar e aparecer, ou até mesmo desaparecer.

3.5 Resultado final

A artista Pablo Vittar é uma exceção devido às dificuldades e os preconceitos que enfrenta durante a sua trajetória. Essas discriminações vão tornando o caminho mais difícil para quem tem uma orientação sexual diferente da heteronormatividade. Quantos artistas homossexuais, bissexuais ou transexuais são prejudicados ou punidos com críticas pelo fato de expor a sua sexualidade em público? O objetivo desta aula é fazer perceber que esse preconceito está diretamente entranhado na cultura de nosso povo e que somente através de uma educação que tenha como proposta romper com essa discriminação é que poderemos efetivamente ver a violência contra esses grupos acabar.



Quem são?

Zygmunt Bauman – Este autor polonês tem os seus estudos dedicados a entender os processos da sociedade moderna, onde ele percebe que as relações humanas estão se tornando mais dispersas, na medida em que o capitalismo avança. Essa sensação de derretimento das instituições, Bauman chamou de liquidez. Ele vai desenvolver sua teoria por todos os setores da nossa vida contemporânea como o amor, a segurança, o medo, dentre outras áreas.



(Imagem reprodução:
SFM PRESS REPORTER/ALAMY/ EDITORA GLOBO)



(Imagem reprodução: www.allthingshair.com)

Pablo Vittar – Nascida em São Luís, capital do Maranhão, Phabullo Rodrigues da Silva ainda na adolescência começou a se interessar pelo universo drag queen e logo adotou o nome artístico de Pablo Vittar. Fez a sua estréia em casas noturnas, com performances do gênero, em Uberlândia, Minas Gerais. Ficou conhecida através das redes sociais e plataformas digitais de vídeo, como Youtube e daí então sua carreira ganhou ascensão. Em 2017, lançou seu primeiro álbum “Vai passar mal”, que causou muita polêmica devido a sexualidade da cantora e suas performances.

Glossário musical

Eletrobrega – Esse gênero musical é a junção de duas outras vertentes que é a batida da música eletrônica e o brega. Esse estilo musical é muito conhecido no Estado do Pará e é reproduzido em festas de aparelhagens, que são grandes caixas de som, com grande potência sonora, tocando músicas que os DJ's (Disc Jockeys) reproduzem. No caso do eletrobrega, os DJ's fazem recorte de canções românticas, boleros ou cúmbias, que são comuns nessa região e adicionam batidas de música eletrônica como forma de deixá-la mais dançante. As festas de aparelhagens se expandiram no começo dos anos 2000, quando a tecnologia para editar e mixar músicas ficou mais acessível e impulsionou o surgimento de DJ's, que por sua vez se apropriaram de ritmos locais para misturar com outras influências mais globais.

ANITTA E A GLOBALIZAÇÃO

4.1 Reconhecimento da realidade social.

Começamos esse capítulo com a leitura do texto a seguir, com o objetivo de fazer um melhor reconhecimento da realidade: “A globalização é um fenômeno do sistema capitalista que tem várias dimensões - sociais, culturais, políticas e econômicas. Para o pensador Anthony Giddens, ele define que a globalização 'refere-se ao fato de que estamos cada vez mais vivendo em um mesmo mundo, de modo que os indivíduos, grupos e nações se tornaram cada vez mais interdependentes'. O surgimento da internet e a difusão da tecnologia das comunicações impulsionaram este acontecimento que disseminou o conceito de aldeia global, ou seja, um mundo interligado. E inegavelmente, a partir do final da década de 80, uma série de fatores das mais diversas áreas convergiram para se transformar nisso que chamamos globalização. Como todo evento de porte mundial, especialistas e intelectuais se debruçaram para entender os prós e os contras desse fenômeno.

4.2 Problematização

Instiguemos os estudantes com a seguinte pergunta: “Mas o que a carioca Larissa de Macedo Machado, conhecida mundialmente como Anitta, nascida em 93, em pleno surgimento da Globalização, tem a ver com esse processo de escala global?”.

Observe a interação dos alunos com as possíveis respostas e inicie a problematização com o seguinte texto: “Anitta, esse é seu nome artístico, se tornou uma referência não só no cenário pop nacional como internacional e soube projetar sua carreira, sempre misturando elementos musicais do lugar de onde ela nasceu com outros ritmos mais difundidos. Essa mescla caracteriza o seu trabalho e marca um estilo o que ajudou a fazer parcerias com artistas internacionais, para Anitta, a globalização é algo que traz benefício pois ela consegue desenvolver a sua história como trabalhadora do mundo artístico juntando fragmentos de culturas diferentes, em um processo que chamamos de hibridismo. Mas a globalização é um fenômeno benéfico a todos?”. Mais uma vez, espere as respostas dos estudantes para dar sequência ao desenvolvimento do texto, que é o que veremos a seguir.

4.3 Desenvolvimento

Convide-os à leitura: “Desde o final da Segunda Guerra Mundial que o mundo vivia um processo histórico envolvendo um confronto entre duas grandes potências mundiais que tinham como principal diferença o seu sistema econômico, de um lado os Estados Unidos da América como representante do capitalismo, e de outro a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.R.S), como representante do Socialismo. Essas duas potências econômicas e bélicas viviam em permanente tensão para expandir a sua área de influência sobre outros países e a relação entre eles constantemente chegava muito próximo à guerra total, o que seria algo catastrófico tendo em vista que um conflito direto entre esses dois países levaria a um desastre nuclear onde provavelmente a extinção da raça humana seria a consequência mais óbvia. Como essas duas potências nunca chegaram às vias de fato, esse evento histórico ficou conhecido como Guerra Fria, evento esse que durou até o final da década de 80, com a decadência do modelo econômico soviético e a adesão

desses países. Acabavam assim décadas de tensão e o mundo celebrava a paz sob a ascensão do modelo capitalista, sem nenhum outro modelo econômico para fazer competição inaugurou-se assim a era do neoliberalismo, à partir daquele momento a economia de mercado iria regular as relações entre as nações e houve até um intelectual chamado Francis Fukuyama que celebrou o “fim da história”, pois os grandes conflitos mundiais não iriam mais existir, regulados por uma paz trazida pela lei da oferta e da procura, o mundo entraria assim em um grande era de harmonia.

Havia uma pensamento corrente na época, bastante difundido pela mídia que a globalização seria benéfica para todos os países ao redor do mundo porque estaríamos todos interconectados em uma grande aldeia global. O advento da internet, esta imensa rede de informações mundial também ajudou a criar essa impressão de que os conflitos globais seriam finalmente resolvidos, tendo em vista que para os pensadores que defendiam a globalização, os problemas de comunicação entre os povos não iriam existir mais.

Porém, para além das utopias criadas em torno dessa nova era que se iniciava, os problemas trazidos pela globalização logo começaram a surgir. Essa nova era da informação impunha um modelo de consumo a todos, e essa massificação vinda das grandes multinacionais do capitalismo global destruía as formas tradicionais de cultura de povos no mundo afora. Muitas comunidades se organizaram de modo a reagir contra o estilo de vida que caracterizava a globalização, em busca de se conservar, e muitas vezes essa resistência acontecia através da violência, como no caso do grupo fundamentalista religioso chamado Talibã. Surgido em 1994, o grupo nascido no Afeganistão repudia até hoje os símbolos que representam o ocidente e seu modo de vida, para os membros do Talibã, os valores ocidentais formam o conjunto daquilo que deve ser repudiado.

Já outros grupos optaram por se moldar aos processos que a globalização trouxe e optaram por ser ativos nesse processo histórico, o que o sociólogo Roland Robertson chamou de processo de Glocalização, palavra essa que mistura globalização e localização. Dentro da perspectiva desse autor britânico, ele diverge sobre a ideia de que a globalização apenas homogeneiza as culturas, segundo seus estudos esse fenômeno permite um diálogo entre culturas diversas, sem necessariamente uniformizar as manifestações dos mais diversos povos.

Vejamos o caso da cantora carioca Anitta, que começou a sua fazendo uma mistura de funk carioca com música pop, esse hibridismo, ou seja, cruzamento de duas partes distintas, ajudou a ressignificar o funk carioca que é um ritmo local, e impulsionou esse estilo musical para o resto do mundo.

O funk carioca já é formado por uma grande mistura de ritmos, tendo como raiz o funk americano da década de 70, vindo cantores como James Brown, sofre influência eletrônica com o surgimento das pickups e MPC's (máquinas de produzir batidas, ou beats) e à partir da década de 80, invadem os bailes dos morros cariocas e ganha versões nacionais. De lá para cá, o funk carioca se mescla à batidas dos atabaques dos terreiros de candomblé e com uma batida cada vez mais acelerada, chamada de 150bpm, vai adquirindo um estilo único e genuinamente nacional. A cantora Anitta teve a sagacidade de captar esse funk 150bpm e colocar juntamente com outros ritmos globais, como o pop e o reggaeton, esse hibridismo entre a cultura local e o globalismo é uma forma de ressignificação ativa da cultura, criando novos elementos e espaços para atingir novos públicos e mercados, não é à toa que Anitta é vista como um excelente case de sucesso em termos de posicionamento internacional, tendo inúmeras participações com artistas internacionais justamente devido a esses novos rudimentos musicais adquiridos devido ao hibridismo.”

Vamos de música e vídeo, projete o vídeo clipe da canção “Sim ou Não” (2017), da Anitta com a participação do cantor colombiano Maluma, para os estudantes perceberem a interação com elementos latinos, como a batida do reggaeton, típica dos países de colonização espanhola. Na sequência, projete o videoclipe da música “Vai malandra” (2017), para os estudantes perceberem a influência que a cantora tem com o funk tipicamente carioca. Na sequência, vamos de catarse.

4.4 Catarse

Refleta com os estudantes sobre a necessidade de percebermos que a cultura é algo vivo e dinâmico a partir do momento em que ela busca alternativas para sobreviver. Como processo da globalização, muitas culturas tradicionais sofreram um processo de apagamento e de extinção, todavia existe também a resistência, simbiose ou hibridação, mas o fator relevante aqui é o processo de movimento da cultura e nos fazendo perceber que é contínuo, afinal, nenhuma cultura é tão pura ou original assim, assim as culturas sempre tiveram influência de outras culturas e também se mesclaram, misturaram e se transformaram em algo novo.

4.5 Considerações finais

A cantora Anitta se prospecta no mundo, sobretudo pelos meios digitais das redes da internet como um exemplo de diversidade cultural que emergiu através de articulações de símbolos e intercâmbios de elementos de lugares completamente distintos, essas interações só se tornaram possíveis devido ao processo desencadeado pela expansão do mundo digital tão ligado às questões da globalização, mas cabe aqui nestas considerações finais um olhar atento à outros autores que nos alertam que o caso da cantora Anitta é uma exceção e que precisamos ficar vigilantes aos movimentos de resistência dos povos tradicionais, sobretudo aos movimentos mais violentos, tendo em vista que o apagamento da identidade desses grupos, do modo de vida e dos seus símbolos também estão sendo observados por estudiosos do mundo inteiro, efeito colateral do processo de globalização.



Quem são?

Anthony Giddens – Com seus escritos voltados a entender os desdobramentos da Modernidade na contemporaneidade, o sociólogo britânico, nascido na cidade de Londres, no ano de 1938. Foi um dos primeiros autores a trabalhar como conceito de Globalização, observando que esse fenômeno social é produto direto das forças que deram impulso à modernidade.



(Imagem reprodução: www.filosoficabiblioteca.wordpress.com)



(Imagem reprodução: www.eusp.org)

Roland Robertson – Esse intelectual escocês, nascido em 1938, tem as suas obras dedicadas às questões do fenômeno da Globalização e seus impactos na cultura. Dentre suas contribuições destacamos o conceito de Glocalização, que é a mistura entre o global e o local. Segundo Roland Robertson, a Globalização traria benefícios à humanidade tendo em vista que essas misturas entre culturas resultante da expansão massiva das tecnologias da informação ampliariam o repertório de culturas.

Francis Fukuyama – Economista e filósofo japonês, mas radicado nos Estados Unidos, nascido em 1952, ficou conhecido pela sua teoria, logo nos primeiros instantes da Globalização, de que a história da humanidade seria regida pelas regras de mercado (lei da oferta e da procura). Com a queda do império soviético, do modelo socialista e a expansão do capitalismo em nível global, todos os conflitos seriam resolvidos pelo mercado e portanto isso indicaria o fim da história.



(Imagem reprodução: www.veja.abril.com.br)

Quem são?



(Imagem reprodução: twitter/@anitta)

Anitta – A carioca Larissa de Macedo Machado, nascida no ano de 1993, desde muito nova cantava no coral da igreja que a sua família frequentava, no subúrbio de Honório Gurgel. Ainda nesse mesmo período, por volta dos seus nove anos, também praticou dança de salão, mas foi aos 16 anos, através de um curso técnico de administração, que teve aulas de marketing e que segundo ela própria, isso veio mudar a vida dela porque ela passou a planejar a carreira artística de forma estratégica. Em 2010, graças à uma publicação na plataforma de vídeos Youtube, ela foi descoberta por produtores de um selo musical independente, daí em diante a sua carreira alcançou padrão internacional.

Maluma – Cantor colombiano que tem uma carreira ligada aos gêneros musicais da salsa, reggaeton e latin trap. Juan Luis Londoño Arias passou a ter visibilidade internacional depois de ter sido apontado como melhor artista revelação do ano de 2012, pelo Grammy Latino, o prêmio mais importante da indústria fonográfica. Seus discos costumam apresentar parcerias como no caso da cantora carioca Anitta



(Imagem reprodução: www.portalpopmais.com.br)

Glossário musical

Reggaeton – Como o nome já sugere, a raiz do reggaeton está na música jamaicana Reggae. Desenvolvido em Porto Rico, na década de 90, o reggaeton adiciona batidas eletrônicas e também é muito comum de escutá-lo junto de melodias típicas do rap ou hip-hop.

O K-POP E A QUESTÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL, EM THEODOR ADORNO

5.1 Reconhecimento da realidade

Iniciando esta primeira parte dos estudos sobre o conceito de Indústria Cultural, leia o seguinte texto para os alunos: “O ano é 2017 e o lançamento do disco “You never walk alone” da banda sul-coreana BTS, abreviação para Bangtan Boys entrava para a lista das 200 bandas mais tocadas da revista americana Billboard, referência mundial em informações sobre a indústria musical. Grupo formado por sete membros que cantam música pop enquanto performam com coreografias sincronizadas, o BTS é um grupo musical que está enquadrado em um gênero chamado de K-Pop, ou Pop coreano, ritmo musical que mistura música eletrônica, hip-hop, além de soul, funk e o próprio pop. Apesar de vir de um país oriental, com tradições bem distintas da nossa realidade ocidental, quando você escuta ou assiste aos shows e vídeos do BTS você fica com a sensação de que você já viu ou ouviu aquele tipo de música em algum lugar, e é aqui que começa a nossa reflexão sobre a Indústria Cultural.”

Faça uma indagação aos estudantes, se eles também sentem isto. Se sim, pergunte a eles quais as causas dessa sensação?

5.2 Problematização

Aguarde um instante para que a interação aconteça e continue a leitura da reflexão: “Um filme clássico do ator e diretor Charles Chaplin, chamado 'Tempos Modernos' lançado em 1936, retrata de forma bastante original, através do humor, a busca por sobrevivência de um trabalhador no início do século XX. Em algumas cenas, o personagem aparece em frente a uma esteira de produção, típica do modelo fordista e lá já se observava a repetição como padrão da produção industrial. A reflexão que autores como Theodor Adorno nos traz é que o sistema econômico do qual estamos inseridos reproduz essa lógica no campo cultural também. A relação da música com o mercado e o consumo acabou por reduzir as manifestações culturais em produtos que são copiados, substituídos, reciclados, dentre outras propriedades comuns típicas dos objetos nas prateleiras dos supermercados. É por força dessa indústria que grupos musicais como o BTS, mesmo tendo surgido em um país com tradições tão distintas, mas têm forma e conteúdo similar a grupos ocidentais. Mas em que essa massificação implica? É sobre essa questão que o pensador Theodor Adorno, da Escola de Frankfurt, nos leva a refletir, como veremos a seguir, no desenvolvimento.”

5.3 Desenvolvimento

Nos idos anos 60, um grupo musical estadunidense ficou bastante conhecido na indústria fonográfica, se chamavam Jacksons 5. Era composta por cinco irmãos que dançavam de forma sincronizada e cantavam. Esse formato foi adotado por muitos grupos naquele período e logo foi rotulado com o termo boy band. Com uma configuração que envolve adolescentes ou como costumam a chamar, os idols, jovens que são treinados desde cedo para se tornarem celebridades, com aulas de dança e de canto, as boy bands atravessam as décadas, às vezes até saem um pouco da mídia para anos depois retornarem aos holofotes novamente.

Nos anos 90 tivemos os Backstreet Boys e N'Sync, na primeira década do século XXI foi a vez do One Direction. Mas a grande novidade nesse movimento foi a expansão do K-Pop , agregando elementos asiáticos e inserindo a cultura oriental entre as boy bands, mas sempre mantendo o formato tradicional. E é aqui que o pensador Theodor Adorno nos leva à reflexão da influência da Indústria Cultural. No sistema capitalista tudo precisa ser transformado em mercadoria e a cultura também faz parte desse processo, os grupos musicais acabam por se converter em produtos. A lógica das indústrias se aplica também à realidade musical e a imagem daquelas esteiras do filme do Charles Chaplin são ótimas metáforas para o que acontece no universo cultural, pois os conjuntos musicais também são montados dentro de um sentido mercadológico para atender a um determinado público que consome aquele tipo de produto artístico, através de uma demanda por entretenimento. Depois de montado, o produto vai para a prateleira, ou seja, para a apreciação do público que, se aprovar, vai comprar.

Adorno foi considerado um autor pessimista tendo em vista que ele não conseguia enxergar essa relação mercadológica com a cultura como algo positivo, ele alertava que a tendência era de que a cultura em geral iria ficar cada vez mais rendida às questões econômicas e não às manifestações do espírito humano, como a arte deve ser. Assim, a arte e a cultura acabariam por ser diminuídos para satisfazer exclusivamente o grande capital, todas as outras expressões que não convém, ou que incomoda as relações econômicas promovidas pelo capitalismo, serão diminuídas ou censuradas.

Com o advento da Globalização, sobretudo no final do século XX e começo do século XXI, a expansão das redes de comunicação com a ajuda da internet fortaleceram a Indústria Cultural ao redor do mundo e é por esse motivo que entendemos a entrada do K-Pop no cenário mundial através da amplificação da Indústria Cultural e da inserção de novos mercados ao redor do globo terrestre.

5.4 Catarse

Partindo dessa reflexão de Adorno sobre a relação entre arte e mercado, ele nos coloca que uma outra questão que exige um aprofundamento. As relações entre cultural e capital se intensificaram de tal forma que mesmo as manifestações artísticas de protesto contra o capitalismo acabaram por se transformar em mercadoria também e, por isso, submetidas às leis da oferta, da procura e sujeita ao lucro.

Tendo em vista essa reprodução da lógica do mercado é importante que a gente faça um exercício sobre a realidade ao nosso redor. Quantos grupos musicais, ou até mesmo artistas de qualquer área, que na verdade são cópias de outros artistas e que estão apenas cumprindo a função consumido por um público específico? De bandas de forró a grandes astros pop, quem tem liberdade de produzir música sem se importar com o quanto vai vender? E quem só faz música com o objetivo exclusivo de fazer sucesso? Essas perguntas são fundamentais no sentido de entender o motivo do fenômeno K-Pop estar associado às inúmeras Boy bands que começaram a surgir na década de 60, nos Estados Unidos.

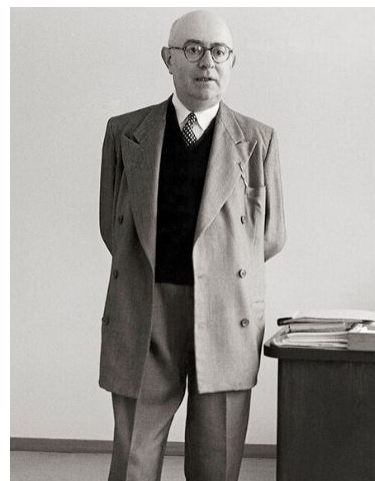
5.5 Considerações finais

Apesar da análise pessimista de Adorno em torno da cultura e do capitalismo, alguns autores apontam possíveis rupturas com a lógica mercadológica que proporcionam novidades ao mundo artístico que não esteja vinculada às questões do lucro e do capital, mas essas perspectivas otimistas passam distante da visão de Adorno que manteve o seu pensamento até o dia da sua morte.

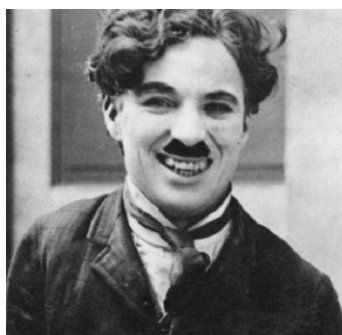


Quem são?

Theodor Adorno – De origem judaica, o alemão Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno precisou fugir de sua terra natal por causa dos horrores da Segunda Guerra Mundial. A sua obra é um reflexo deste trauma pois ele faz se debruçar sobre as análises dos motivos pelo qual a humanidade se deixou permitir chegar a tamanha barbárie. Seus estudos também abrangeram os avanços tecnológicos de seu tempo, sobretudo acerca do impacto do rádio na vida do cidadão comum, como grande músico que era, Adorno percebeu que o ato de escutar música estava sofrendo uma regressão e que as pessoas não conseguiam mais apreciar a música de forma profunda. A comercialização da arte gerou um fenômeno que foi objeto de estudo de Adorno, chamado Indústria Cultural.



(Imagem reprodução: www.todoestudo.com.br)



(Imagem reprodução: www.exame.com)

Charles Chaplin – Na era do cinema mudo, o inglês Charles Spencer Chaplin é reconhecidamente um dos grandes atores desse tempo. Seu personagem mais marcante, o Carlitos é um verdadeiro ícone dessa era do cinema, seu chapéu de côco, bengala, gravata borboleta marcaram a forma de se fazer comédia e ainda serve de inspiração para os dias atuais. Além de ator e comediante, Chaplin também se destacou como roteirista, compositor, editor e músico.

Jacksons Five – Formado em 1964, os Jacksons five eram um grupo composto por cinco irmãos (Michael, Tito, Jackie, Jermain e Marlon) e tocavam canções inspiradas no Soul, Pop e no Rhythm and blues. De uma infância muito sofrida, esses cinco irmãos encontraram na música uma forma de sair da pobreza, mas não sem um custo. As performances encantadoras e perfeccionistas que eles apresentavam tinha por trás a direção de um pai violento que coordenava com mão de ferro. O mais conhecido dos irmãos Jacksons e que teve a carreira mais longa foi Michael Jackson, que durante os anos 80 e 90 ficaria conhecido como Rei do Pop.



(Imagem reprodução: www.musica.culturamix.com)

Referências

ADORNO, T. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: ADORNO, T. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. 9. ed. - Campinas, SP : Papyrus, 1995 – (Série Prática Pedagógica)

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.

BODART, Cristiano das Neves. O uso de letras de música nas aulas de Sociologia. Revistas Café com Sociologia, v.1, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1> . Acesso: 17 set. 2020.

BODART, Cristiano das Neves (org.). Conceitos e categorias do ensino de Sociologia, v.1.1.ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021.(Coleção Conceitos e Categorias de ensino das Ciências Sociais, v.2).

BODART, Cristiano das Neves (org.). Conceitos e categorias do ensino de Sociologia, v.2.1.ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021.(Coleção Conceitos e Categorias de ensino das Ciências Sociais, v.2).

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRASIL. Sociologia : ensino médio / Coordenação Amaury César Moraes. - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 304 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 15)

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias. Brasília-DF: Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Básica, 2017, Volume I.

BRILHANTE, A. V. M., NATIONS, M. K. and CATRIB, A. M. F. “Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil. Cad. Saúde Pública, v. 34, n. 3, e00009317, 2018. ISSN: 1678-4464. DOI: [10.1590/0102-311x00009317](https://doi.org/10.1590/0102-311x00009317). Disponível em: <http://ref.scielo.org/8ynzd2>

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302007000300022&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 ago. 2020.

ERAS, L.W., FEIJÓ, Fernanda. Por uma transposição didática das teorias das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas): teorizações sobre as práticas de ensino em Ciências Sociais. In: GONÇALVES, Danielle Nilin (org.) Sociologia e Juventude no ensino médio: formação, PIBID e outras experiências. São Paulo, Campinas: Pontes Editora, 2013.

FREITAS. I.C.M; LIMA FILHO, I.P. Pensar as culturas juvenis para ensinar Sociologia. In: CARUSO, Haydée; SANTOS, Mário Bispo dos. (orgs.). Rumos da Sociologia na Educação Básica: ENESEB2017, Reformas, Resistências e Experiências de Ensino. Porto Alegre: CirKula, 2019.

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica/João Luiz Gasparin.- 5.ed.rev.- Campinas, SP. (Coleção educação contemporânea) Autores Associados, 2009.

GOLDMAN, Marcio. “Antropologia Contemporânea, Sociedades Complexas e Outras Questões”. Anuário Antropológico, 1995, 93: 113-153.

HAN, Byung Chul. A sociedade do cansaço. tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada - Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. O Tortuoso e Doce Caminho da Sensibilidade: um estudo sobre arte e educação / Ângela Maria Bessa Linhares. – Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1999.

MALDONADO, R. D. Arte e educação estética do gosto:: a beleza enquanto necessidade cultural?. Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 184–211, 2020. DOI: 10.26512/vis.v18i2.25111. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/25111>. Acesso em: 27 set. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com um martelo; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NOGUEIRA JÚNIOR, F.S. Desenvolvimento de tecnologias de ensino em Ciências Sociais pelas práticas musicais. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Sobral. 2011

WERBER, Max. Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música, São Paulo, Edusp — Editora da Universidade de São Paulo, 1995, 168 páginas.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações. 11.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção Educação Contemporânea).

SEREN, Lucas. Gosto, música e juventude. / Lucas Seren. Prefácio de Vera Teresa Valdemarin. – São Paulo: Annablume, 2011.

SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios : a ciência vista como uma vela no escuro; tradução Rosaura Eichemerg. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SIMÕES, Soraya Silveira. Observação Flutuante: uma observação 'desendereçada'. Antropolítica (UFF), v. 25, p. 193-196, 2008.

TARDIF, Maurice. O trabalho docente : elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas / tradução de João Batista Kreuch. 9 ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

Referências

Referências Musicais

CORPO sensual. Intérprete: Pablo Vittar. Compositores: Maffalda e R.Gorky. In: Vai passar mal. Sony Music, 2017. ICD

MARIA da vila matilde. Intérprete: Elza Soares. Compositores: D. Germano. In: A mulher do fim do mundo. Natura Musical, 2015. ICD

OLHOS coloridos. Intérprete: Sandra de Sá. Compositor: Macau. In: Olhos coloridos. Som livre, 1995. ICD.

O vencedor. Intérprete: Los Hermanos. Compositor: M. Camelo. In: Ventura. BMG, 2003. ICD

QUÍMICA. Intérprete: Legião Urbana. Compositor: R. Russo. In: Dois. EMI, 1987. ICD

SIM ou não. Intérprete: Anitta. Compositores: L. Machado, U. Tavares e J. Júnior. In: Vai malandra. Warner Music, 2017. ICD

TREM bala. Intérprete: Ana Vilela. Compositora: Ana Vilela. In: Ana Vilela. SLAP, 2017. ICD

VAI malandra. Intérprete: Anitta. Compositores: Anitta e Maejor. In: Vai malandra. Warner Music, 2017. ICD

VIDINHA de balada. Intérprete: Henrique e Juliano. Compositores: D. Silveira, L. Ferreira, N. Damasceno e R. Borges. In: O céu explica tudo. Som Livre, 2017. ICD

M
ÚSI
CA^E
SOCI
OLO
GIA

STENIO
NOG
2021